



O

ALABAMA



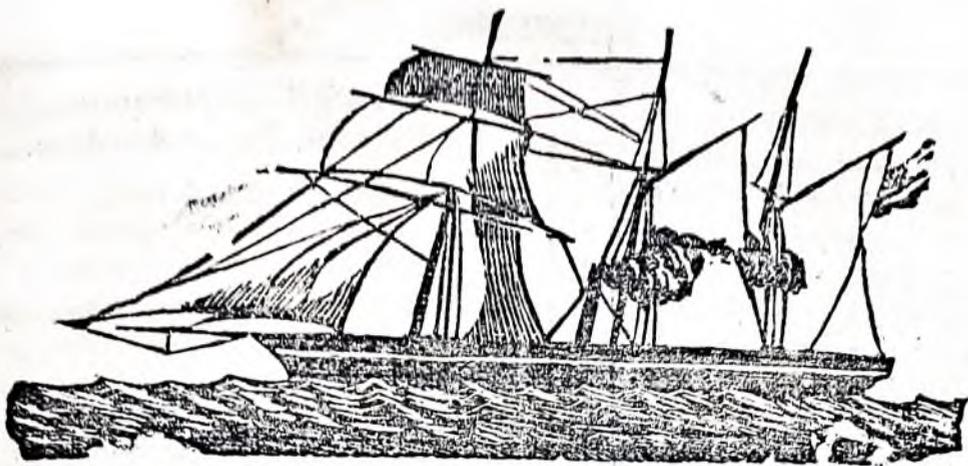
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

2 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.º 81 e 82

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1.º rs. por series de 10 numeros, ou 5.º rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Exm. Sr. arcebispo, representando-lhe que nos informam que se acha nesta cidade, ha perto de um mez, hospedado no convento de S. Francisco, o Reverendo vigario Manuel Joaquim de Andrade Rego, deixando os seus freguezes em completo abandono dos misteres parochiaes e saltas do pasto espiritual. Em vista do que pede-se a S. Ex. ouça do referido vigario as rasões que o demoram nesta cidade, e o faça seguir in continenti para sua freguezia.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, levando ao seu conhecimento o seguinte facto:

No dia 29 do p. p. Gertrudes de tal, moradora á ladeira do Alvo, negociante em pannos da Costa e outros objectos, fechou sua porta, seriam 10 horas do dia, e sahio ao giro de seu negocio.

Nesse dia demorou-se até 8 horas da noite e quando voltou, com extraordinario espanto achou sua porta aberta: os ladrões tinham lhe carregado tudo.

E' muita ousadia na gente do olho vivo, para n'uma rua publica e a taes horas ter a audacia do commetter uma

façanha destas, ou então contar muito com a inacção da policia! Si S. S. não empenhar esforços que amedrontem semelhante gente, animada por esta, que emprezas não commetterá ella?

Ja um dia destes foram aos Curraes Velhos e limparam tudo que havia na casa de uma familia, como verá S. S. de um annuncio estampado no *Diario*.

—Ao Sr. empresario do lixo, dizendo-lhe que lance seus olhos benignos para o becco Sujo, da freguezia de S. Antonio.

Portaria ao fiscal geral, para que obrigue o governo a mandar cortar os arbustos que existem no telhado da casa da moeda. Cumpra.

—Sahiu á luz o *Brado do Povo*—periodico politico.

—Deus o lade bem.

—E que suas ideias não sejam uma ironia ao titulo que estampou no frontespicio.

—Capitão gasta-se tanto dinheiro superfluamente, por que não se manda concertar a capellinha de Nosa Senhora do Rosario situada dentro do quartel da Palma?

—A mim é que V. pergunta? dirija-se ao presidente e commandante das armas.

—O deleixo em nossa terra chega a tal ponto, que não acharam lugar mais proprio para deposito de materiaes das obras publicas senão alli: a capella está cheia de caibros, madeiras etc

—Isto agora é com o archbispo, elle não está dormindo, e me parece que devo ter sciencia destas coisas.

—Sendo alli um lugar sagrado entra-se sem o menor respeito, e commetem-se actos, que é melhor calar para não tornar o escandalo mais patente.

—Eas Imagens estão lá?

—As Imagens ha muito que foram tiradas e removidas não sei para onde.

Si não se pode ou não se tem vontade de concertar, ao menos devia haver uma providencia para que fosse a Casa de Deus tratada com mais respeito, e não se entrasse alli para guardar paus e o mais; ou então deitem-na abaixo.

—E mesmo que o soldado que tem diante dos olhos aquelle exemplo, quando entrar em uma igreja entra com a maior indifferença e menos-preço possível, como si entrasse em uma taverna.

—Como esse ha poucos. O *Jornal da Bahia* copia do *Diario* do Rio Grande o seguinte a respeito do general Netto.

«S. M. o Imperador mandou honrar e agradecer ao brigadeiro Antonio de Souza Netto o seu desinteresse e patriotismo, deixando de receber vencimento algum desde que está em campanha, e declarando que desiste desses vencimentos e dos que possa ter direito durante a guerra actual em beneficio das despezas da mesma guerra.

—Infelizmente essas almas desinteressadas, esses typos de abnegação, não são deste mundo, passam ligeiras por elle e somem-se.

O general Netto não pertence mais a esta vida.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

(Continuação.)

—Faz-se um grilo em Latronopolis
Em certa arrecadação,

Mas o grilo é *provisorio*
No *corpo* do um batalhão.

A *policia* nunca pode
Os grileiros descobrir!
E' tudo gente de dentro
Que sabe entrar e sair.

Outro tempo n'uma casa
Centos de homens moraram;
Si bem fossem *permanentes*
Depois dalli se mudaram.

E foram p'ra longos terras
N'uma *questão* s'involver;
Na intenção de voltarem
Os trastes deixam em ser.

Mas foi logo outra gente
Por *em quanto* ahi morar;
E o que estava dentro
Começou a desfructar.

Porém entre os moradores
Que alli foram habitar
Um intendeu que devia
Os trastes dalli levar.

Não podendo elle somente
Um tal plano executar,
Procurou mais *companheiros*
Para se associar.

Entrou um mais *inferior*
Que faz a *trastadação*
Dos objectos guardados
Dentro d'arrecadação.

Peças de panno *rajado*
Aos *pedaços* tem sahido;
E ja ha freguezes certos
Que compram isso escondido.

Embaixo de um capote
Tem lugar a *transferencia*,
Um *safa*, passa a outro,
Este leva para a *agencia*.

Não sei onde tanto brim
Vão esses *cujos* achar?
E não sei como por falta
D'isso não se veiu a dar.

E outras muitas *melgueiras*
Que depois lhe hei de contar;
Por agora faço pausa
Pois não lhe quero *massar*.

—Notei para o Dous de Julho
Este anno indifferença;
E' que o povo todo soffre

Ao peso de dôr intensa.

Creio que não ha familia
Que o pensamento voltado
Não tenha lá para o Sul
Por um entô idolatrado.

O presidente deu vivas
Mas não foi correspondido!
E si foi, foi tão baixinho
Que por ninguem foi ouvido.

No outro dia á noite,
Pelo Terreiro passou
Mas não sei si com vergonha
No palanque não entrou.

—O governo declarou
A cana'ra dos deputados
Que estava sem real...
Com os cofres esgotados.

A assemblea mandou
Que a primeira commissão
De fazenda emitisse,
A respeito opinião.

A commissão declarou
Que o modo de arranjar
Dinheiro, é novos impostos
Ja e ja se decretar.

Porém ella esqueceu-se
Lembrar na proposta sua
De se crear um imposto
A quem queira andar na rua.

E' de razão. Si o paiz
De dinheiro assim precisa
O povo deve pagar
Decima, taxa e siza.

Admira-me que haja
De dinheiro tal carencia,
Quando gasta-se á mão cheia
No que não é de urgencia.

Vejo ir o Lopes Netto
Para Europa estudar
O systema de prisõ-s
E bom dinheiro levar.

Vejo a propria assemblea
Muita gente dispensar,
De cobres que recebeu
Aos cofres embolçar.

Subvenções a theatros;
Todo dia se mudando
Presidentes, os quaes vão
De custo ajudas levando.

Sei que o povo ha de pagar
O onus, resignado;
Muito mais quando se diz

Q'á guerra é destinado.

Que faz tanto patriota
E servidor do Estado
Que não socorre o paiz
Vendo-o tão necessitado?

O que faz tanto politico
De riqueza colossal
Que não vale a sua patria
Vendo-a n'um aperto tal?

Creio que todos são ricos,
Entre os tres da commissão
Tanto faz o Manuel Dantas
O Madureira e o Aragão.

Si querem ver como o povo
De coração os bem diz,
Repartam alguma cousa
Do que tem com seu paiz.

A hora é de sacrificios:
Cada um dê o que tem,
Si o povo dá seu sangue
O rico dê seu vintem.

—Dou-lhe parte que passei
Um S. João excellente,
Comi laranjas mui doces
Da roça do Zé Vicente.

Saboroso caruru,
De milho grossas espigas;
Mas eu por falta de dentes
Deixei para as raparigas.

De aipim boas raizes
Compridas de meia vara;
As meuinhas me diziam:
Que grossura! é couza rara.

Estive quasi mandando
Levar uma ao Nicolau,
P'ra servir na exposiçãõ....
Estou que não era mau.

No outro dia larguei-me
Para a Quinta das Beatas
Assistir a um candomblé
De crioulas mui gaiatas.

Encontrei lá o Sardinha
Feito papae do terreiro,
De camisola e turbante
Vermelho, mui basofeiro.

Que bella rapazeada
Fui encontrar na folgança!
No carneiro com azeite
E bobó enchendo a papança!

Encontrei lá Zé-monturo
Com sua canastra ás costas,
Nos pés de mamãe Maria
De joelhos e mãos postas.

Que é ogan do terreiro
E gosta bem da folia,
O amigo Lopes Quincas
Se la não vou não sabia.

Agachado e n'um tabaque
Tocando com arte geito
Vi um padre que uma flor
Ambrozia trazia ao peito

Ajudava-o na tarefa
A cabra velha Lucinda
Da Da Hora sem pestana.
Que faz sua perna ainda

D. Bebê deixou de ir
Sendo do *rito* sectario,
Por que *papae* não lhe deu.
O lugar de *secretario*.

Encontrei o padre Abutre
Com safada hypocrisia
Vendo lá si alcançaria
Augmento na freguezia.

O Mané da Silva Carros
La vi tomando ventura,
Para alcançar do governo
Tres mezes de sinecura.

Nos pés do *papae* estava
O Guimaraes, com receio
Que lhe tirassem das costas
A chupeta do *accio*.

Encontrei la a Simôa
Que de ves'ra tinha ido
De saêta e toalhinha
E penacho bem comprido

A Constança das borrachas
Lá estava, bem mamada;
Vi-a pela madrugada
Ja toda emborrachada.

A Maria Clementina
Seu *celeste* ca deixou,
E com *tino* inexprimivel
Vulcaneos laços atou.

La vi Damiana Pipa
Com Paulina Barriguda
Pulando no candomblé
Que era um Deus nos acuda.

Henriqueta Olho de Vidro,
Bernardina Empeuha-saia,
Felicidade Gaguinha
E Juliana Cambaia.

A PEDIDO

—Sr. *Correia*, bem me disse o *Antonio* do Taboão que Vm. era o gallego mais immoral!

Olhe que não se pode mais morar na rua do *Subão* com o seu escandaloso namoro...

—Isto são intrigas de algum meu desafecto.

—Não, Sr. Só quem não quer não vê Vm. namorar escandalosamente a menina, até pela manhã, e mesmo com chuva; e no entanto como attribuir-se este namoro a outro, dizendo-se que offerecia beijos e abraços, quando Vm. é que os offerece, meu refinadissimo devasso?

—Ora deixe-me gozar um caldinho gordo. Pois o homem não é Sr. de seus desejos?...

—É justamente esta a resposta de um gallego devasso como Vm.; mas breve teremos de ajustar contas.

Vm. prometeu casamento a moça, e já disse ao *Zé* que a ha de lograr.

—Hei de fazer o que quizer, não tenho a quem dar satisfação.

—Tem o muxingueiro.

(Continuação.)

—E não param aqui, capitão, os altos feitos do *carraca* vigario de Mataluim.

Ja quando elle esteve em *Camacomu* commetteu tantos desregramentos, tornou-se tão devasso, que o povo a unavoce queixava-se d'elle; viuva, casada ou donzella para elle nenhuma consideração mereciam; ahi raptou elle a menor Vitalina que é hoje sua amazia; tornou-se tão desrespeitado e vilipendiado que era o alvo das mais zombeteiras satyras, pelas vendas, pelas portas das casas; pelos pés de arvores appareciam escriptos incisivos em que eram relatados os actos de torpeza praticados pelo tal vigario; tornou-se tão odiado esse *tavão* que viu-se obrigado a fugir a unhas de cavallos da noite para o dia.

Em 1862 visitou-lhe o prelado a parochia e ficou contristadissimo do estado em que achou a egreja; tudo alli denotava deleixo e porcaria; a ponto do homem ordenar que os actos do Divino fossem celebrados em uma *capella* onde antigamente venerava-se a *Nossa Senhora de Nazareth*.

Mas o abominavel vigario tem menos-cabado da orlóm superior e vao allí celebrar casamentos, baptisados e até missa, com a mira sómente n'um lnero depravado.

—Estou certo que tal factó não chegou ao conhecimento do Prelado.

—Quando ha sambas por allí elle toma parte com o seu companheiro Erva-isto, que é outro immoral como elle e entõa a chula — *Samba minha negra*, requebrando-se que parece um boneco de engonço!

—Que padre damnado!

—Um velho major amigo do *Justiniano* e primo do *Ferreira* exprobando-lhe tal procedimento e censurando-lhe a impudencia de se pôr de copo na mão no meio das negras a cantar papagaio, elle respondeu, que não fazia mal por que aquillo era feito ás occultas!

O preto *Dehú*, feitor da fazenda que é *brochada* que diga as bandalheiras que elle tem praticado, quando vae allí em suas orgias.

(*Continúa.*)

—Capitão. horror ! horror !

—O que dizes, rapaz, estás doudo ?

—Horror ! horror ! capitão !....

—Falla, falla, não me inquietes.

—Ja lhe conto a causa do que estou soffrendo:

Conversavam á pouco dous homens sisudos, quando passou por elles um individuo, cuja phisionomia lhe descreverei depois, e passando, ficou elle sendo objecto da conversação dos ditos. Ja sabe, capitão, no desejo de sempre lhe trazer noticias, aproximei-me e ouvi assim:

Alli vae o cynico maior que ja tem visto *Latronopolis*, o ambicioso mais despejado que se pode imaginar, o amigo mais calculado e desleal que se poderá encontrar; tudo, tudo que na de peor acha-se encerrado n'aquella alma damnada, que ja devia coucear no inferno. !

Capitão, confesso que só com este principio fiquei frio, mas o homem continuou:

Ignora por ventura a causa da morte do nosso amigo *Chico maior*? foi aquelle abutre! Na sêde insaciavel de ouro, mentiu, calunniou para o *rio do primeiro mez*, e afinal conseguiu que mandassem-lhe entregar dous misteres exercidos pelo nosso amigo e mais outro, arrancando-se-lhes os meios de subsistencia!

Capitão, estremecei, e disse comigo: que malvado! ... Mas o homem não ficou ahí.

Logo que o nosso amigo recebeu esta noticia (continuou elle) apaixonou-se por tal forma, que um dia, desgrazadamente succumbiu suicidando-se!

Capitão, horrorisei-me tanto que não me pude conter por mais tempo; corri desesperadamente para contar-lhe em quanto me estava o caso em lembrança.

—E crimes desta ordem pôde-se esquecer? Quem é este tratante?

—Capitão, eu estou atrapalhado por que não lhe sei do nome, mas, si V. S. o conhecesse pela figura....

—Dize lá.

—E' um sujeito sarará, figura sententa e tantos, tem a cabeça de bagre esfolado, o cabello é curto por que o tem de malê, sobr'olho carregado affectando *fidalgua*, não tem barba, por que embora ja se ache no ultimo quartel da vida, não quer ser velho, e por isso todo dia rapa; orelhas de cachorro goso, nariz de tucano mestiço, tem uma boca incassante que espuma quando ri, Capitão, o bicho é antipatico; não sei si V. S. ja o conhece pela maneira por que o acabei de traçar; e si isto não basta, saiba ainda mais: Anda todo impertigado, tem o oveiro de tanajura, e chamam-uo o rei macacão.

—Cala-te rapaz, ja penetrei; é o mesmo que ha pouco mandou publicar uma versalhada a fim de injuriar a um individuo, só por que o paiz em que vivemos negou-lhe no nascimento a melhor regalia que se pode desejar: não se achando, com tudo, coberto de maldições e opprobrios, como a firma de que trata indubitavelmente se acha.

—O que fazer, capitão?

—Dize tu.

— Vou esfregar-lhe o focinho em alguma cloaca lá para *Nazareth*, e depois será entregue a algum *bolieiro* para dar-lhe o destino que quizer.

Um curioso deseja saber quanto pretende o Sr. José Luiz Soares Sobrinho levar do governo pela armação que fez para o funeral do general Bezerra?

O curioso.



Atenção.

*Segunda missiva de José-monturo a
El-rei D. Mané de Souza.*

Olélé.....Caspite domine! aqui está o gingás!...conheces meu bom compadre de minha alma?...

Compadre, não sei quem foi o tratante que tirou copia da carta que lhe mandei pela via do meu secretario *mel do matto* e mandou publicar, assim como a pithographia que V. me accusa pelo dito não ter recebido, pois olhe eu mandei; Joaninha viu quando eu metti na carta; desconfio que foi elle mesmo pra mode ver os nossos segredos, e os da comadre para depois andar contando como é o costume delle contar tudo ao Duquinha, para mangar commigo; mas eu ja os conheço. Por tanto envio-lhe outro para deitar no seu abrum. Eu

lão não é tal qual o gingás, mas sem calças a bolão? Veja que quero que saia na *Semana Illustrada* com o Dr. Semana contando a elle na *fonte dos amores*, o que ali se passou, V. me escuse de lhe contar, pois V. bem sabe o que foi que qua se passou ahí com a menina, intende?...

Quero tambem saber nas *gallerias dos homens illustres* bem perto do *Lucas da feira*. Estas cousas por aqui não vão boas, compadre de minha alma, eu malo um, com uma chifrada que deito as tripas de fóra e ha de ser o malvado maroto do batidão e si eu o pilho a geito faço o que fiz na negrinha...que para isto trubo boas rosetas, intende compadre?

Dou-lhe parte que ja descobriram aquelle negocio dos cordões da mulata na rua da Faisca, que fingi-me estar com o diabo no corpo, e não queria ver Nossa Senhora, e eu dava urros em cima da cama que parecia mesmo o diabo, e que assim que todos sabiram, eu limpei todas as gavetas e não deixei nada, e deitei sebo nas pernas como tambem aquelle outro negocio dos quatro centos mil reis que dizem que impalmei na Chapada, e que me agarraram no braço e fizeram eu deitar em cima do baleão; pergunte ao Sr. *Par d'aranhas* que foi quem me salvou! Compadre tudo se sabe; não se pode fazer nada escondido.

Estou muito infeliz, meu caro compadre! vou lhe contar o que me aconteceu; si a comadre me visse como eu chorava, cortava o coração; comprei para saber no bando vestido de macaco, um lindo animal, um poldro-siabo de quinze annos filho do burro do *Surdo-é* com a egoa do *villa-mansinha*; como de facto sahi, mas não me pude occultar pra mode a juba, e os gallos, que tem tilo muito crescimento com a lue nova; tractava eu delle com todo o carinho para servir-me no do anniversario da independencia, e por ser muito fogoso pretendia offerecer a comadre, para montaria delle.

Como V. sabe, a nossa commua é na estrebaria, e uma uoite eu sonhava com V. que virado n'uma pombinha vinha voando sobre mim e eu com a boca aberta todo babado, lhe estendia o braço para lhe apertar, pensando ser a pombinha do Espirito Santo, foi quando fui despertado pela nossa crioula, que me dava *empurrões*, e sua comadre me acorda toda chorosa gritando que o *gatto marisco* estava na commua; corremos, eu em fralda de camisa, só tive tempo de vestir uma saia da crioula, e corremos

ambos, e na corrida que levamos quasi que vamos todos trez; ainda sua commadre estrepou-se n'um pau, oh! compadre! qual gatto! Compadre, era o meu cavallo Pitú; nadava na *ditta* de que estava meia a commua, corri a sim mesmo até o *trem*, pedi ao *feitor mor* a sua mestranga com cordas, guindastes e cabrestantes, e depois de longo trabalho ponde-se salvar do perigo de morrer por *immerdação*, ah! si a commadre me visse como eu abraçado com o cavallo de minha alma! Chorando como uma criança, e elle com os olhos ternos para mim fazia despedaçar o coração,

No outro dia depois de longo soffrimento deixou-me. Foi enterrado com todas as honras de que era digno. Mandeí-lhe collocar sobre sua sepultura uma pedra com esta inscripção offerecida pelo autor do *Album da Rapaziada* o poetamomiz.

Luão infeliz foi a tua sorte.

Carregas monturo em vida.

m....depois da morte.

Assim acabou meu pobre infeliz cavallo digno de melhor sorte, sem ao menos me ter servido para a parada do anniversario da Independencia que dixei de comparecer pra mode a falta de *Pitú* e por que os gallos da infeliz testa, ja não consentem barrete, tudo chega aos velhos.

Passamos de uma cousa a outra:

Na vespera de S. João fomos tirar sorte em sua tenção, mandamos buscar um ovo de pata e o moleque diz que não só furtaram o ovo, como a pata que o pôz, fomos a ovos de galhiuha que depois de passados na fogueira com a oração de S. Salvador que diz *duas frangas e um so gallador*, sua commadre escolheu um e poz n'um copo; sabiu um navio virado, ella consultou a *Jamíha*, esta disse ser máu agouro para a pessoa da tenção, será V. que naufragará na politica? V. é bom que dóe!

A commenda ainda estou chupando no dedo, apesar de ter já mandado a importancia do diploma: não lhe disse que o Pedro não me plava o logar do *guarda-gados*? Também não sei V. para que serve, á vista de tantos presentes que lhe mando?

Comprei um bilhete para interessar com a commadre, é d'uma rifa que corre aqui brevemente, e o premio grande é um traste de senhora, bordado de filigranas.

Compadre! V. é um ingrato nem ao menos me agradece as espigas que lhe envieí para seu regallo e da commadre, ella nada me diz das laranjas d'umbigo, si foram do

seu gosto: bem depressa V. ja se esqueceu do nosso filho, que quer ser moço da casa Imperial, e que todos os dias pergunta pelo padrinho.

Compadre este anno a muda foi muito forte; o inverno foi aqui muito rigoroso, e frio, tanto que cabiu-n e r m dos espilhos da tal limeira e o outro está u olle, com a receita que me deu o boticario *Bergia*. Veja si V. quer usar do remedio, pois apesar de não estar aqui pelo inverno não está livre da muda; por isso, como o Dr. *Sir-do-é* diz que vae para o Sul e fica abi quinze dias lhe fazendo companhia, pode V. aproveitá-lo para applicar-lhe a dóse.

Adusinho compadre, bejocas em sua sogra, e aceite um terno abraço bem junto do coração que lhe aperta seu compadre escravo do coração.

José-monturo.

P. S. Sinhô Manuel, aqui está muito forte a influencia do Paragnay, e como o Humaytá ja deve estar tomado vou me offerecer para ir com o batalhão, pois eu não perco o saque de Assumpção nem por sombra. Como não voltarei rico, sim compadre? Só estou a espera que V. chegue para lhe entregar a commadre, mas só sinto deixar a minha *cysne* da *rua dos pés de laranjas* que tanto me custou a conquistá-la; só V. me dando para dispor do posto de capitão para o Sul como fez, e depois de tantos trabalhos deixá-la? é cruel, isto não faço.

Esta vae pelo seguro pra mode as duvidas, e o commandante do vapor lhe entregará uma coubuca em que vae uma *coruja* Preangú que canta muito denoite, e foi apanhada na ribanceira do pau do Estandarte, ella come namão. O nosso filho pede-lhe a benção. Pelo proximo vapor lhe conto a historia da minha *cysne*, que hoje não tenho mais tempo que o correio fecha-se. Adeus.

— Leopoldo que foi isto?
Perdeste a mamadeira?
Agora no Caes do Douro
Não ha tanta ladroeira.

Tantas fizestes até
Que não pode supportar
Aquelle que protegia-te
E te mandou fugiar.

Agora meu descarado
P'ra viver muda de sorte;

Procura quem tem dinheiro
E no bolso da lhe corte.

Ja eras do olho vivo,
De outra especie porém;
Não podes furtar mais fumo,
Vae para o *golpe* tambem.

VARIETADE.

Copia de uma defeza em um jury do sertão.

Senhores Jurados. — Tudo está perdido: a farinha cada vez mais cara, os ladrões não tem mãos a medir, e o réu que defendo, este homem honrado e execraudo, perseguido e massacrado por scribas e farizeos, vindo de casa de Annaz para a de Gaifaz, gritando todos — *crucifige, crucifige eum*, — Abel não era mais innocente do que aquelle pobre diabo, que alli está assentado tão triste; coitadinho... para ser sentenciado por esta angusta assembléa da synagoga. Ah! Manoel Pipoca! (não se riam, que por tal é conhecido o meu cliente, e além disso — macaco não olha para o seu rabo. —) Ah! Manoel Pipoca! quem me dissera o anno passado quando tocaste toda noite viola no casamento da filha da Capôa, que casou com quem casou, que te havia de ver hoje neste jardim das Oliveiras para carregares a cruz de teus enormes peccados!

Rasgou-se o véo do templo, e apparece a verdade apocrifa perante este nobre congresso constituinte, que hade vir a julgar os vivos e os mortos... Capitão Virissimo, trazei-me cá esses autos de fé. Aqui está, aqui está já a primeira mentira! Sr. Juiz de Direito, por vida de sua Teté (para que se faz tão vermelho, se não ha cão nem gato que não saiba...) mande já metter no troco estas testemunhas... Oh! vejam quem tambem jurou contra aquelle innocente? Sr. Juiz nós todos não conhecemos João da Annica?... forte bebado! Diz-me ladrão, onde viste Manoel Pipoca dar essa facada embaixo do umbiguo do defunto? O sol se obscurece!, a terra treme! o inferno se abre com tão grande calumnia! Aquelle pobre, Sars., um homem que por bom

até já foi impostor de quarteirão! é um Lilia abandonado, quieto, implacavel e garantido... Sr. Deos dos Exercitos, salvai este filho de Semamites das garas destes caxorros, pela Vossa Cruz, pelas Vossas Chagas, e pela Vossa Divina Misericordia, como tudo se vê do Codigo do Processo!..

(*M. Fluminense.*)

ANNUNCIOS.

O Sr. P. S. C. tenente dos charutos tem cartas ao Caes Dourado n.º 37.

Pede-se ao Sr. redactor da *Sempre-viva* o favor de vir a esta typographia para realisar certo negocio.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado, o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaça com excesso a ponto de dormir em qualquer logar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza n.º 54 receberá 20\$000 de gratificação.

Este preto tem sido visto no Sangradouro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Antonio Joaquim Freire de Carvalho e Albuquerque do engenho das Brotas termo de Santo Amaro.

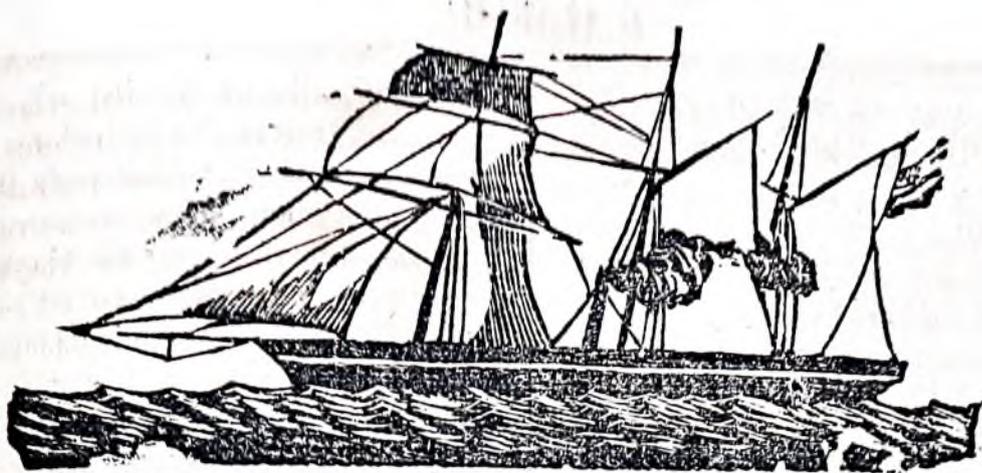
José Machado Guimarães.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 do julho de 1866.

Nesta typographia se deseja fallar ao Sr. Francisco de Paula Gesteira.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

4 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.^o 83

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 3 de agosto de 1866.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um grande buraco, que ha na oncrusilhada da Estrada Nova com o caminho Novo do Gravatá, porque sendo aquelle logar muito transitado, e nas noites de escuro ficando elle invisivel pela sombra do muro á que está encostado, pode alli quebrar-se uma perna.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que nos informam que no sitio do Rio Vermelho ha uma mulher maluca de nome Marcolina, a qual tinha uma filhinha de nome Thomazia; de certo tempo desapareceu a menina, e ninguem sabe ao certo para onde foi; pelo que correm diversas versões sobre o destino que tivera essa innocente; a mais seguida é que essa infeliz está no recolhimento da Misericordia, mandada pelo subdelegado do logar, mas ha logo quem diga que não, e commente por outra maneira o facto, pelo que para obviar duvidas, pede-se a S. S. procure esclarecer esse negocio.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para uma salla

de dança que ha em casa de uma certa moça á rua do Tijollo, por que nenhum geito tem de uma reunião recreativa, mas antes de uma casa de debocho pelos gritos e assuadas, que alli ha; por cuja razão, espera-se que S. S., dê providencias, assim de que a continuar a referida reunião seja com os termos que requer a decencia.

—O Sr. Leão Velloso ja nomeou quatro officiaes, inclusive o tenente coronel, para o batalhão Pedro II, e mandou publicar os nomes no *Diario*.

—Seria bom tambem que S. Ex. mandasse publicar quantas praças ja tem o referido batalhão.

—Ai está como são as cousas!

Os marinheiros americanos provocavam aqui desordens, e os hollandezes as accommodam.

—O que houve?

—Na rua dos Capitães estavam duas mulheres a esbofetarem-se, e vinham dous hollandezes de um navio de guerra que se acha em nosso porto: dirigiram-se para as mulheres, apartaram uma da outra, levaram cada uma a uma certa distancia para não brigarem outra vez, e assim acabaram com as bofetadas e palavradas, que proferiam as duas estabanadas!

—Talvez quo si fosso a patrulha ficasse impassivel, o provocasse ainda mais desordens.

—Isso não tem duvida!

A PEDIDO

LADRÃO.

Por que não pagas ao procurador, que te deu ganho da causa, em duas execuções de dividas de mais de 10 annos, que as consideravas perdidas?

Por que não attendeste a um negociante honrado desta praça, quando te foi pedir para chegares a um accordo em attenção a ser o procurador um pae de familia, que se achava enfermo, o sem recursos, respondendo que não davas mais nem 10 rs. e que preferias ir com elle para o ceu?

Pois bem: prometto contar-te a historia de um calote pregado á certo tabellião Lopez, chegado da Costa, por um exame n'uma firma no cartorio de um escrevente que fra alhos.

E's bem conhecido?

Paga, ladrão descarado.

O Vigilante.
(*Continúa.*)

Sr. alcoviteiro das almas pobres, tão prompto em fazer petições de queixas, breve lhe daremos a paga. A demora é só em quanto chega certo documento.

Recommenda-se ao Illm. S. subdelegado da freguezia de S. Pedro, uma mulher depravada conhecida pelo nome de Marocas, moradora para as bandas do Sodré, a qual, com suas immoralidades, muito incommoda a vizinhança, impossibilitando as familias de chegarem á janella.

O Carcunda do Sodré.

—Capitão, tenbo a honra de apresentar á V. Ex. o Sr. *Catuno dos Seixos Aberto*, respeitabilissima firma, muito digno gran-cruz da Lascivia, dignitario da Garridice, commendador da respeitavel ordem das Frascarias,

cavalleiro da distincta e privilegiada Ordem dos Seductores, condecorado com a medallha da Protervia, doutor em sciencias corruptivas forenses, membro da associação dos *Ardis*, presidente honorario da sociedade dos Mequeterefes, chefe da legião dos *merus*, engenheiro de tratadas e bandalhiac, socio correspondente do Tartu-fismo, *distribuidor* geral das tranqui-berniás, intendente mor dos cynicos, com jurisdicção e alçada sobre os lupanares etc. etc.

—Safa! o seu personagem é um nunca acabar de titulos!

—E' um vulto proeminente em Latronopolis.

—Com que fim porém me é apresentado o Sr. *Catuno*?

—Desejava que V. Ex. o mandasse conversar um pouco com o muxin-gueiro.

—E' cousa de pouco custo.

—Antes porém desejava contar-lhe uma historia que não deixa de ser cumprida.

—Estou á seu dispor.

—Ha em Latronopolis um homem infeliz, sobre quem parece que indelivel pesa a mão da fatalidade.

Antigo militar, serviu por muito tempo nas fileiras do exercito.

Fez parte das forças que em 1842 bateu a revolta de Minas e S. Paulo.

Depois de longos annos de serviço teve baixa sem outra recompensa mais que o germen de uma molestia adquirida nesses pantanos do Rio Grande.

Regressando á sua terra, e ao seio da sua familia, retirou-se para o campo, com o intuito de dedicar-se á lavoura. La o seu mal aggravou-se, e tornou-se completamente paralytico.

Com a secca que assolou o centro em 1858, foi obrigado a retirar-se para a cidade por lhe faltarem recursos com que mantivesse sua chara esposa, cinco filhinhas e dous filhos.

Aquí chegando, exaurido de meios, estendido sobre o leito, sem poder mover-se, foram seus filhos, que contavam um 14 e outro 13 annos, obrigados a assentar praça no corpo de perma-

mentes, emprego de mais facil acquisição para os filhos desta terra.

Que torturas não passou aquelle coração do pae ver seus filhos tão crianças, obrigados pela necessidade á vestir uma larda, o seguir uma carreira onde elle tinha sido tão mal pago!

Os rapazes eram excellentes filhos e tudo que ganhavam traziam para casa; porém muito moços, e de natureza fraca, não puderam resistir ao peso do serviço militar. E o infeliz pae teve o dissabor de vel os um após outro descer á sepultura.

Faça ideia que consternação para uma familia, neste estado de desesperação! O infeliz pae não teve outro recurso senão recorrer á charidade publica. Mandava suas filhinhas que tão idolatradas lhe era com uma subscrição á implorar a charidade, que si nos o paiz fosse outro devia dar á quem lhe serviu por espaço de 16 annos, e que talvez lhe prestou mais serviços do que esses que tão galardeados são até depois de mortos.

(*Continúa.*)

—Que senhorita é aquella que está naquelle camarote a se requebrar?

—Senhorita? Pois chama uma mulher de 58 annos senhorita?

—Não indago por isso, pergunto quem é.

—E' a Barca de Noé.

—Falle-me claro.

—Quer mais claro?

Não conhece a Quininha Chapadeira?

—Não tenho essa honra.

—Conhece a Bigode?

—Não, Sr.

—Mas ja havia de ter ouvido falar n'uma fera chapadista?

—Ah! percebo agora. E' uma senhora que mora lá para o Surdo-é.

—Aqui-qui.

—E aquelle sujeito que como um cão fraldiqueiro a acompanha?

—Aquillo é um certo caixeiro que lhe serve de palhaço ou porta-voz.

—Aquelles gestos, aquellas maneiras não assentam em uma senhora, devia ao menos respeitar o publico e o lugar onde está.

— Está se admirando de pouco.

Em casa della é que se aprecia bellos pedacinhos.

— Em sua casa ella pode fazer o que quizer.

— Si não desse escandalo para a tua.

Ha pagodes em que se reune muita rapaziada, caixeiros, filhos familias etc, toca a chover os ditos graciosos, algazarras, cantorias, etc.

— Pois vae ser intimada para que não continue nessa vida.

— Deus queira que se emende.

MOTTE.

*Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.*

GLOSA.

Offuscam mais do que a prata

Do que o ouro, o diamante,

Quando me passam farfantes

Os olhos desta mulata.

Quando me falla arrebatada

Com seus requebros pensados.

Que braços bem torneados!

E que cintura ella tem!

Seus olhos possui ninguem,

São brilhantes lapidados,

— O' lá, espia dos altos do Saboeiro?

— Eu não sou dos altos nem dos baixos, sou do meio, e tambem não sou espia.

— Qual é seu nome?

— Antonio.

— O Marques me disse que V. era o homem mais descarado que existe.

— Isso são mexericos que me fazem, não ha tal.

— V. é tão safado que não respeita as familias, ainda sendo prevenido e ameaçado com o porão do *Alabama*.

— Faz favor de não continuar.

— Si V. se emendasse e não continuasse com suas macaquices a offercer abraços e beijocas em quem não lhe dá apreço nem fé, não passaria pelo que lhe vae acontecer.

— Eu conheço que não devia ser tão relaxado como tenho sido, mas isto são dons da natureza que só a sepultura ha de tirar.

—V. é um safado sem pulor! Ainda diz que são dotes da natureza! Tenha pena do sua infeliz senhora que la anda abandonada pela *Ilha do Valor*, acabrunhada de desgostos.

—Ha um impecilio para isso,

—Qual é esse impecilio?

—E' que eu não me casei por amizade e sim por interesse; julgava achar grandes cabedacs, pensei que ella trouxesse muita riqueza, para eu gastar com minhas apaixonadas, e achei-me em branco.

—Mas V. não sabe que é um crime não cumprir o juramento que deu perante os altares, e que a sociedade moralizada não lhe pode ver com bons olhos?

—O que tenho eu com sociedade quando estou a minha vontade?

—O Souza me disse que V. era tão indigno o miseravel que n'um anno teve 30 amas.

—Tudo isso é inveja.

—Mas biltre, como é que V. chama as mulheres com o pretexto de cosinhar, e depois quer empregal-as em outros serviços, e isto á força, querendo obri-gal-as?

—Calumnias, e depois o homem não é santo...

—Eu sei de tudo; além de não pagares queres que ellas te sirvam para tudo.

—Eu sigo o systema de que, quem se aluga, deve estar por tudo que seu amo quizer.

—E' muito immoral!

—Capitão ha quem nos ouça, fale mais baixinho.

—Cale-se safado! que não estou para atural-o.

—Não me enxovalhe; eu sou um empregado, e pode chegar aos ouvidos da direcção, e eu não desejo que ella tenha noticias de minhas bandalheiras.

—Não estou mais para ouvil-o.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Mette a cara desse bisborria na cloaca, e depois dá-lhe uma surra de cansação, para não se intrometter

com a vida de quem não se lembra dello.

VARIÉDADE.

Um genro de Deus.

—Diz o *Siglo*:

Um soldado que estava curando-se no hospital gemendo hontem com as dores das feridas que recebera no ataque do arroio *Bellaco*, exclamava desconsolado:

Meu Deus! Meu Deus!

A' estas vozes accu liu uma formosa joven irman da charidade, e lhe disse:

Para que chamas por Deus? Diz-me o que queres delle, por que eu sou sua filha.

Então replicou o soldado com um sorriso malicioso. — pedirei á Deus que me conceda a dita do ser seu genro?

ANNUNCIOS.

Vende-se

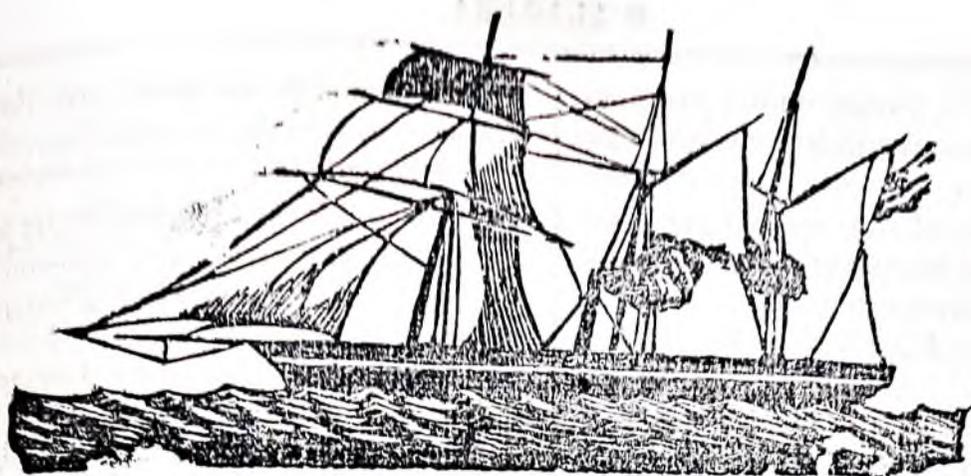
Um sobrado de um andar com 4 janellas de frente e loja de aluguel com duas janellas e uma porta, contendo em cima sala de frente, 4 quartos, sala de jantar, cosinha fora, dispensa e quintal grande para plantação; na loja contem salla, um quarto e cosinha; em bom estado, edificado em terreno proprio á rua do Bom Gosto da Calçada do Bomfim n.º 57.

Trata-se na casa n.º 40 ou na botica sita á ladeira do Carmo.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diriamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.^a casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 do julho de 1866.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

7 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.º 84

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de agosto de 1866.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe que mande quanto antes proceder a inventario nos objectos existentes nas reservas do corpo provisorio de policia, em vista do boato que se espalha de que capotes e outros utensis daquelle corpo, andam a offerer pelas tavernas e outros logares, dizendo-se até que um dia destes foram vendidos ou offercidos dous capotes na venda do Braga ao Gravatá.

Taes boatos, como nos parece, podem ser infundados, e por essa mesma razão é bom uma investigação, para restabelecer a verdade, e deixar os maledicentes de bocca aberta. Por isso espera-se que S. Ex. dará algum pezo a este pequeno pedido.

—Ao Hlm. Sr. delegado do 1.º districto, informando-lhe que na rua do Bispo sobrado n.º 21, uma mulher de nome Eufrasia, tem em seu poder uma menina de nome Brazilia, em quem applica severos castigos e depois a manda ficar de braços abertos por espaço de duas horas, e chega a sua

barbaridade ao ponto de applicar pimenta nas nadegas da infeliz crioulinha. Em virtude do que espera-se que S. S. depois de mandar proceder um rigoroso exame na referida menina, a livre das garras daquelle fera.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que acabe com um candomblé que ha em casa da africana Julia na rua da Larangeira, onde além de muitos actos reprovados que se praticam, é a vizinhança do lado de S. Miguel incommodada pelo toque de *tabaque*: na noite de 2 para 3 não poude ninguem por alli dormir com a infernal zoada que faziam. Nessa casa vão crioulas, mulatas, etc., e muito homem que passa por serio. Espera-se de S. S. a costumada providencia.

—Hontem um carro da companhia de Vehiculos pisou o Sr. Malaquias Portella de Alcantara Bogarim, fazendo-lhe uma brecha na testa.

—E o boleeiro?

—Seguiu impavido seu destino.

—Isso é rico!

—Até agora si algum cidadão se offerecia para organizar companhias ou corpos de voluntarios, o governo si acceitava a offerta da pessoa, era como de simples cidadão, e declarava que só

teria direito a vencimentos quando conseguisse reunir numero conveniente de voluntarios; então dava uma patente correspondente ao numero de praças, e a proporção que estas cresciam fazia o devido accesso.

— Está o Sr. Lapa Pinto que reuniu mais de 300 homens e nenhuma patente leve.

— Pois meu charo, o Sr. F. M. G. da Cunha offereceu-se ao governo para organizar um corpo de voluntarios, e o Sr. Leão Velloso antes de verificar si o homem tem a necessaria influencia para organisal-o nesta epocha, sem mais nem mais, conferru-lhe a patente de tenente coronel sem soldados!

— Não era cousa de tanta pressa; mesmo que além de feio, é desperdicio pagar a um tenente coronel para comandar dez ou vinte soldados. Chama-se a isso fazer a canya sem ver a noiva.

— De sorte que si por um accaso, não for preciso o batalhão do Sr. Cunha, si por uma eventualidade a guerra acabar amanha, ou si o Sr. Cunha não tiver a precisa força para realizar seus patrioticos e louvaveis desejos, terá a nação feito uma despeza superflua com uma patente luxuosa, porque estou convencido que aquelle cidadão se contentaria com o soldo do capitão que é, até que com numero sufficiente de soldados fosse elevado ao devido posto.

— Eu tambem sou dessa opinião; porque estou certo que o Sr. Cunha é movido por ardente patriotismo, e não pela vangloria de vestir uma farda de commandante e perceber um soldo gordo.

— E a commissão de fazenda na camara lembra quanta casta de vexame ha para acabrunhar o povo!

E amanha o povo se verá carregado de impostos para acudir a crise!

E em nome da salvagão do paiz si lhe arrancará o suor para ser desperdicado futilmente!

A PEDIDO

(Continuação do Sr. Gatuno.)

— Nesta emergencia, o infeliz ho-

mem foi morar em uma casa do Sr. Gatuno, depois de diversas visscitudes e contrariedades.

Com os tenues recursos de que podia dispor ia provendo suas necessidades o pagando a casa. Succedeu porém a trazer-se no aluguel.

Quando recebia algum dinheiro separava metade, e mandava por uma de suas filhas levar a casa desse vampiro de olhos azues e cabellos cor de capucho de milho.

Mal suppunha elle que um homem casado, no seio de sua familia tivesse a baixeza de alli mesmo querer manchar a virgindade de uma innocente, commettendo a mais feia das atrocidades.

O canibal tem por baixo de sua morada uma loja que antigamente lhe servia de loja ou escriptorio, e onde, antes que se reunissem na casa do Tribunal todos os officios da *chicana* exercia elle seu mister de repartidor.

Todas as vezes que o homem lhe mandava por sua filha levar dinheiro, elle fingindo que vinha fazer assentamentos, descia para o seu antro e vinha esperal-a. A principio empregou caricias e ternuras, fez promessas lisongei-ras; mas, vendo que eram baldados desvelos e carinhos para conseguir seus torpes intentos, assentou que devia empregar a violencia.

Quando a menina la ia agarrava-a, e qual tigre, queria puxal-a para dentro de sua caverna; ella chorava, forcejava, gritava, e elle com algum vislumbre de receio largava-a.

A mãe da pobre menina muitas vezes reparou quando ella tinha de ir a casa do Sr. Gatuno arrazar-se-lhe os olhos d'agua, mas attribuia isso ao natural pudor de uma menina que ia se pondo moça, e pelas circumstancias de seus paes era obrigada a sahir á rua, e chorava tambem sem nada dizer ao marido, para não sangrar mais a chaga no dilacerado coração do desafortunado pae.

(Continúa)

— E' raro hoje o individuo que revestido deste ou daquello cargo, por

mais insignificante que seja elle, não se julga authorisado para commetter quanto abuso o arbitrariedade ha.

O mal tem invadido todas as gerarchias; desde o meirinho até o magistrado, com rarissimas excepções, aproveitam-se da posição que a lei lhe contiou para atropellarem a seus des-affectos quando estes tem a infelicidade de lhes cabir nas unhas.

—Ora está o Sr. com uma arenga tão comprida que ninguem lhe incommodou!

—Que quer que lhe faça? Por mais que procure disfarçar, quando vejo certas cousas, o meu genio não me deixa!

—Pois então, dê seu recado e faça favor aviar-se.

—Passei por aquelle sitio que o *Castro* comprou ao *Neves* e vi um meirinho fazendo um berreiro dos diabos, e dirigindo improperios e insultos para uma casa; o menos que dizia era chamar cambada de velhacos e tratantes.

Perguntei o que era aquillo, e soube que era um official de justiça natural da *Germania* que tendo ido fazer uma execução, encontrou apenas na sala da casa quatro cadeiras e uma banca, motivo por que exasperou-se, e entrou a vociferar.

—E o Sr. não acha que é massada tomar uma caminhada e ficar com os beiços com que mamou?

—O dono da casa pediu-lhe que mostrasse o mandado pelo qual se julgou authorisado a penetrar em sua casa com caracter official e elle a resposta que deu-lhe foi um turbilhão de doestos e grosserias.

—Talvez o homem ignore os costumes da terra; o Sr. não disse que elle era *germano*?

—Então, seria bom que si não nomeasse homens brutos ou leigos para desempenhar certos misteres.

I.

A victima do candidato a um commando da guarda nacional da Cachoeira, e de seu agente M. . . n'esta cidade, pergunta-lhes si, tendo-a deixado ao

desamparo judicialmente, e sem defeza quando d'ella precisava, agora que está condemnada por uma sentença confirmada, pretendem abandonal a na miseria a que se acha reduzida, e que tem sido apenas minorada por quem não quiz se parecer com elles.

Esse victima tinha mãe, que infermou logo que elle foi prezo, e morreu na penuria, ficando aquelles dois monstros surdos aos clamores do filho que esmolava para sua mãe agonisante.

Tudo isto ha de recahir sobre os vis usurarios, que, apenas servidos, esqueceram o favor, e ingratos e infames, empurravam sua victima para aquelle que somente para os obsequiar se havia envolvido, e como simples intermediario.

Entretanto, si não fosse essa victima, o difamador ou seu agente M. estaria na cadeia!

Elles esqueceram-se do modo porque contrataram a responsabilidade, mas nos seguintes artigos tudo ser-lhes-ha lembrado, e esta historia será minuciosamente contada com todos os seus episodios e nomes proprios.

Continuem, pois que proximo está o dia em que todas as suas contas se hão de ajustar pela imprensa, e então serão conhecido os *briosos commerciantes*, que tão *honradamente* procedem. . . depois não se queixem!

Uma prisão tão prolongada — por crimes —, uma miseria tão insupportavel, bem valem que se desmascarem os. . . . infames.

O o. branco.

VARIÉDIDE.

I.

Um rico fazendeiro, apaixonou-se por uma *pieuvre*.

O amor tem azas, como o medo; mas, collocadas em sentido inverso, as do amor avançam, as do medo fogem.

O namorado avançou.

Desta avançada colheram-se dous resultados: 1.º ficou a moça sabendo que era amada pelo fazendeiro; 2.º ficou o fazendeiro sabendo que a moça amava um collar de perolas e Lillhantes exposto em casa do Sr. F.

II.

Em casa do joalheiro.

- Sr. F., quanto custa este collar?
 —Tres contos e oitocentos mil rs.
 —E' carol Dou-lhe dois conto.
 —Não é menos.
 —Dois e quinhentos.
 —Não é menos.
 —Tres.
 —Não é menos.
 —Vival
 —Vival

III.

Em casa da diva.

- Mademoiselle A.... o F. quer um despropósito.
 —Gostou do collar?
 —Nem por isso. Gosto mais de seus olhos. Que fogo!
 —Brilham como os diamantes?
 —Sem duvida.
 —Já vê que não lhe é permitido gostar dos olhos sem gostar do collar.... pois que se parecem no brilho.....
 —E no preço.... o preço do collar é alto.
 —Quanto?
 —Tres contos e oitocentos. Offereci tres contos.
 —E' bem pago. Volte e diga ao joalheiro que as joias são para mim.
 Verá como elle cede.

IV.

Em casa do joalheiro.

- Um carro a porta, a moça no balcão.
 —Sr. F., quanto pediu por este collar?
 —Tres contos e oitocentos.
 —Quanto lhe offereceram?
 —Tres contos.
 —Si o mesmo individuo voltar e disser que é para mim, venda-lh'o pelos tres contos; aqui estão os oitocentos mil reis.
 —Oui, Mlle. A...
 —Adieu.

V.

No mesmo logar o fazendeiro a pé.

- Sr. F... sustento a offerta de tres contos. E' para Mlle. A....
 —Isso é outra conza! Aqui tem o collar.
 —E aqui tem o dinheiro.
 —Obrigado.
 —Vival!
 —Vival!

VI.

Na rua um amigo e visinho do fazendeiro.

- Oh! charo Z., não esperava encontrar-te; devias ter partido hontem. Já sei que vaes hoje com migo.

—Não meu fcharo; um negocio imprevisto....

—E importante.... Oh! Sr. Z., tu corates!

—Uma criançaada, um capricho, uma paixão.

—Que te detém longe de tua virtuosa mulher e de teus filhinhos....

—E me obriga a gastar tres contos nisto. (*mostrando o collar*).

—Toma juizo, homem! Pois tua mulher pede-te um anel de 30⁰⁰ rs. e tu vaes gastar tres contos em....

—Vês tu, meu amigo! as mulheres... são caras.

—As que não são nossas. Comprara.

—E' um verdadeiro abysmo.

—Lá está o ceu no lar domestico. Leva o collar a tua mulher.

—Homem, é uma idéa....

—A unica que pode sabir de uma cabeça bem organizada; vamos embora.

—E a outra?

—Ha de ter saudades.

—De mim?

—Não, do collar.

—Tens razão. Vamos.

E o fazendeiro, deixando as azas do amor, tomou as do medo, e fugiu.

A sua apaixonada ainda agora espera o collar e desespera dos oitocentos mil reis.

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

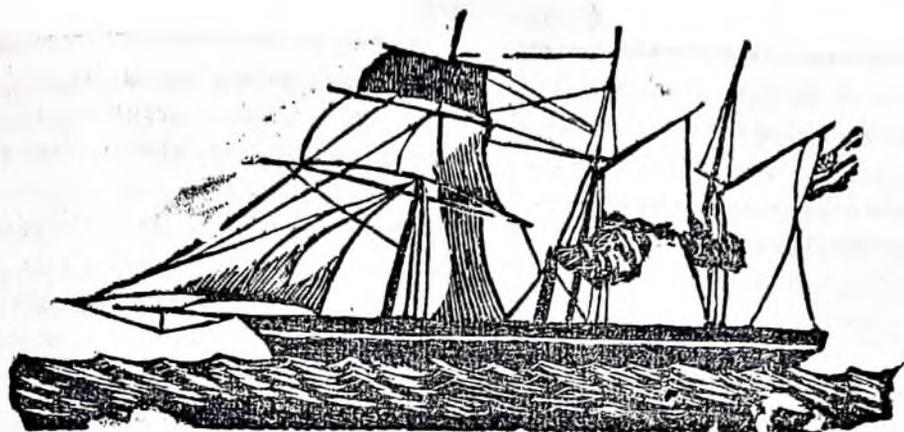
DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebé penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.^a casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

Nesta typographia se deseja fallar ao Sr. Francisco de Paula Gesteira.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

9 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.º 85

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. pedindo-lhe ainda uma vez providencias para que os moleques não continuem a atropellar o Camaleão, mendigo conhecido por esse nome, o qual por sua vez atropella o povo com as pedradas que atira n'aquelles.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para um individuo que anda pelos escriptorios na cidade baixa a vender bilhetes de loteria de outras provincias, em contravenção ao § 34 do art. 1.º da lei do orçamento provincial.

—Faz favor Sr. testa de ferro?

—A seu dispor.

—Chamei-o para ver si quer responsabilisar-se pela publicação desta correspondencia.

—Não Sr., não posso.

—Mas o Sr. não é o responsavel d'aquella gazeta?

—Sou, é verdade. Mas si assignei, (não digo isto para offendel-o) é por que conto com pessoas de posição e que podem me valer nas occasiões.

—Acho-lhe rasão.

—E depois, o Sr. não me dá o que me dão?

—Quanto lhe dão?

—60\$ rs. mensaes.

—E' um bom ordenado para um testa de ferro!

—Tanto recebia eu na *repartição das averiguações* no tempo do V.

—E o que tinha a repartição com responsabilidades de gazetas?

—Não sei; sei que no fim do mez apresentava-me la com o recibo, e um homem que *tem cheiro* pagava-me; depois que o V. . . . largou, passei a receber em mão do Xixi na cidade pequena.

—E quem lhe dava ordem para receber o dinheiro n'essa estação official?

—O patrão.

No acto de assignar recebi do J. 300\$000.

—No entanto o povo é sobrecarregado de impostos para haver dinheiro com que se sustentem gazetas, que nenhum *interesse publico* trazem. O suor do povo é desperdiçado, baga por baga, com pequeninas questões de partido! Serve para encher a barriga do meia duzia de espertalhões!

Ha dinheiro para se pagar a responsaveis do gazeta, que descomponham á quem estiver fora das graças do poder.

—E os testas de ferro alardeam em publico; a generosidade com que são pagos!

A PEDIDO

—Sr. capitão, uma historia, ou antes um facto.

—Pode contar-o.

—Ha cousas que devem ficar involtas no silencio, outras porém necessitam de toda a publicidade; o que lhe vou contar está n'este ultimo caso.

—Sem mais preambulo, vamos ao facto.

—Certo estrangeiro que por ora calo o nome, seduziu e desflorou uma pobre menina, filha de um dos nossos patriotas, que partiu para a guerra, como voluntario, á defender a honra da nação, não se lembrando que sua familia ficaria exposta.

A pobre moça concebeu, recebendo por isso maus tratos do seu seductor, e abortou cahindo em grave doença.

Esse monstro, porque outro nome não merece, deixou-a de todo. A infeliz vendo-se desamparada no feito de dôr e na miseria, não tem a quem recorrer, pede á uma pobre preta que va ao escriptorio do Sr. João pedir-lhe em seu nome uma esmola, porque ella estando doente não podia trabalhar, e certo morreria de fome, si elle não lhe valesse: que se lembrasse que era o causador de sua desgraça, e que ao menos lhe soccorresse em quanto assim se achava.

—O que pensa que fez esse homem que se diz ter nascido e vivido em um paiz civilisado? Elle quer que chegue ao auge a sua perversidade e diz a preta: Diz-lhe que não me encontre, que me acho doente, qualquer pretexto emfim, e toma la para ti. (dando-lhe 2\$000.)

Na noite desse mesmo dia o monstro dirige-se pela casa da infeliz moça, e entra na de uma *pastora* meretriz.

Ahi, para se distrahir manda vir champagne etc., deixando afinal 20\$ á dona da casa em pagamento dos seus bons serviços.

Assim, diz elle, estou livre de ter filhos. Ah! homem desnaturado! pois não sabias que seria essa a consequencia do teu feito?

Não sabias que assim praticando ias entregar ás garras da fome e da prostituição uma menina na flor da idade?

E isto se realisaria si não fosse a charidade de alguns vizinhos d'essa infeliz moça, que a soccorresse.

Esse Sr. João não poderia se fosse *Brioso* despendere alguns mil reis com o sustento dessa pobre moça, que elle lançou na miseria somente para saciar o prazer d'um momento?

Pode muito bem, e si o não fizer ficaremos obrigados a publicar o seu nome com mais alguma cousa, para que fique bem conhecido, e não poder continuar na sua obra de destruição.

—De quanta perversidade é capaz o coração humano!

MOTTE.

*Morreu afogado em t.
De Zé Monturo o cavallo.*

GLOSA.

*Deseou o coitado á campa,
Por um descuido fatal!
Lá foi se o pobre animal.
Morreu afogado em t.
Escorregou pela rampa,
Não foi possível tiral-o;
Poz toda caza em abalo
Tudo a gemer e chorar,
Por ver assim acabar
De Zé Monturo o cavallo.*

—Que homem é aquelle barbado, que foi para a cidade *Industrial* no vapor de 3 de agosto com um ordenança atraz, e que fallou tanto no vapor, que um inglez que ia ahi pensou que era um *deputado*?

—E' deputado mesmo, é aquelle que fez uma transacção, e que foi eleito, pregando o logro no bobo que o acreditou.

—Quem foi?

—Pergunte ao *Albino* que sabe?

—E o que é elle para ter ordenança?

—E' juiz *torto* licenciado.

—Mas por isso pode ter ordenança?

—Não; mas elle suppõe, como não tem importancia, que o ordenança lhe pode dar, e por isso pede, chora, e o governador para lhe fazer a vontade dá-lh'a.

—Com effeito! vou contar esta ao Francisco.

—E diga ao Baptista que o Cunha disse ao Madureira, que era melhor que fosse dormir debaixo de algum pé de joazeiro, do que andar se dando á pelisco, sob pena de ir ao porão.

—Ora nhonhô, V. um homem casado illudindo a moça!

—Que moça?

—Como se faz santinho! Os moradores do Boqueirinho estão zangados com seu procedimento, até alguns ja se queixaram de V. á authoridade competente.

—Por um tão frivolo motivo?

—Pois V. no dia passa alli mais de dez vezes, como quem não tem o que fazer. A' noite vae para alli fazer tolices e offender a moral, dando uma triste ideia de si.

—Mas é preciso notar que eu sou casado em casa; na rua sou solteiro.

—Nhonhô dos diabos se continua nesse procedimento, será agarrado e entregue ao muxingneiro, estampando-se sua caricatura neste jornal para ser de todos conhecido, depois será amarrado n'uma arvore no cimo de um gordo monte.

Leopoldo sevandija
Com ardis e artimanhas
Das vendas do Caes do Ouro
O^a cobres ja não apanhas.

Foste enchetado a mangá
Do cargo de espiador,
Vae agora te ajuntar
No matto ao salteador.

—Venha cá, Sr. bigodinho.

—E' a primeira vez que me vejo embaraçado com este homem.

Estou ao dispor de V. Ex.

—Sabe me dar noticia de um sujeito, especie do bonifrate ou bonequinho

de engonço, que ficando com a procuração de um amigo que marchou para o Sul para receber-lhe o soldo, e entregar a mãe do mesmo, tem deixado a pobre senhora á gagoza e posto os cobres no peito?

—Não conheço quem é.

—Pela identidade que tem com sua pessoa estava convencido que conhecia a firma.

—Não, Sr., não sei quem seja.

—E si eu lhe disser que é o Sr. mesmo?

—Eu! é impossivel.

—Impossivel é Deus mentir.

Julga que não sei que ha mais de trez mezes está V. a enganar a pobre mulher comendo o dinheiro que seu filho deixou-lhe para se sustentar?

—Capitão, ou será o Souza que se parece muito commigo.

—E' V. mesmo, meu espertalhão de um dardo.

Vá ja entregar o dinheiro alheio, si não o mandarei atar a um pelourinho, e dar-lhe 50 pauladas com um galho de pereira.

Bem fez o Sepulveda que quando foi d'aqui não o quiz encarregar de seus negocios.

MARIZ E BARROS.

*On se parlerà de sa glorie
Sous le cahuume bieu long temps*
(BERANGER.)

II

Além das aguas do Prata
Ao subir ao Paraná,
Em frente ao Passo da Patria
Travado um combate está
De um lado—o fogo das *chatas*
Fogo do forte, e das matas
Um fogo vivo a traição.
Do lado opposto nas vagas
Dando fogos áquellas plagas
Dous vasos somente estão.

Fuzila o fogo do mato
Do forte e *chatas* tambem;
Para aquelle povo ingrato
Não é bastante o desdem:
Os vasos despedem raios
Travando c'os paraguayos
Combate renhido e crú;
Chovem de ambos os lados
Balas nos encourçados,
Bombas sobre o Itapira!

Tamandaré vai à frente
 Mariz e Barros lá vai;
 Em busca vai do valente,
 Das chatas do Paraguay,
 Por entre as balas se avança
 Sem descorar, sem tremer
 Fogem uns espavoridos,
 Outros porém destimidos
 Na lucta querem morrer.

O seu navio manobra
 Como pequeno batel!
 Inquieto o furor redobra
 Como indomito corsel
 Ferve-lhe a espuma na proa,
 Foge delle a chata, e vôa
 Vae de novo se esconder,
 Covarde, nefanda gente,
 Que não combate de frente,
 Nem sabe livre morrer.

Segue-o de perto o « Bahian »;
 Trovejам ambos ao par!..
 Mariz e Barros se erguia
 Como um rochedo do mar!
 Tinha projectos tão grandes
 Que nem o condôr dos Andes
 Sabia mais alto; não!
 Protestava ao mundo guerra,
 Com tanto que sua terra
 Fosse a mais livre nação.

(*Continúa*)

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia providencias para que não consinta em certos pontos da cidade e seus arredores, como Cruz do Cosme, Engenho Velho, Campina, Quinta das Beatas, Engenho da Conceição, Matatú e outros, candomblés, onde se praticam os actos mais offensivos á religião e á moral, servindo tambem de escondrijo á escravos fugidos, que ahí se acoitam por muitos dias.

— Grilos! grilos! por toda parte! A terra está molle com as chuvas, e elles formigam a qualquer canto!

— Que alvoroço é esse...? Venha manso.

— Lá estão a querer reduzir a propriedade daquelle homem nos *Pés de Côcos* á condicção de pedreira.

— Que embrulhada é essa?

— Com a differença que os cavouqueiros trabalham á noite; talvez com o receio de que algum estilhaço ou fragmento de pedra não fure o olho do alguem.

— Faz favor de explicar-se?

— É no fim da semana carrega-se na folha: — despeza de pedras sessenta e tantos bagulotes, — e a Illma. cahê com elles.

— Homem, diga o que quer em termos claros e breves.

— O que digo é que este mundo é para os esportos que sabem viver.

— Quanto a isso é antigo.

Charada.

Eu sou na corte Otomana
 Senhor de barço e cutello,
 E das minhas decisões
 Nem para o sultão appello—2
 Na historia das nações
 Vereis de todos os feitos,
 Um tirano, outro cruel,
 Sende poucos os perfeitos—2

Conceito.

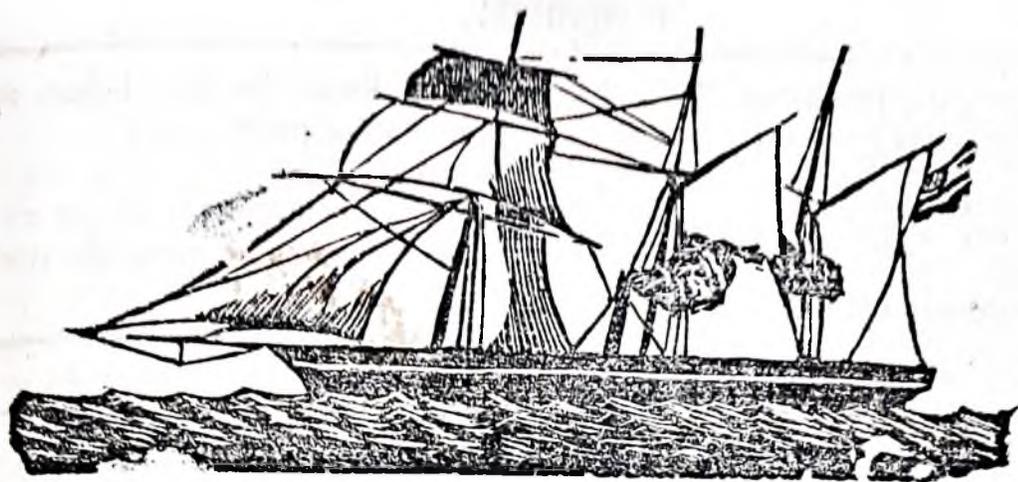
Oh que colosso de Rhodes
 Que cabeça de Medusa,
 Se vejo dous reunidos
 Um defende outro accusa.

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

José Marcellino Madureira e João Manuel da Purificação tendo de mandar celebrar no dia 10 do corrente, primeiro anniversario do passamento de sua sempre chorada mãe, uma missa com memento na igreja dos Religiosos Carmelitas, pelas 8 horas da manhan, convidam a seus amigos para assistirem a este acto religioso: e desde já confessam seu eterno reconhecimento. Bahia 9 do agosto de 1866.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

14 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.º 86

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

—No dia 9 do corrente, pelas 7 horas da manhã, entregou alma ao Creador, depois de longos sofrimentos, Francisco Angelo da Silva Igrapiúna, na prematura idade de 23 annos!

Era um joven talentoso e cultivador das letras, amigo dedicado até o sacrificio, e de uma conducta exemplarissima.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de agosto de 1866.

Officio ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, levando ao seu conhecimento o seguinte que nos informam: na noite de 7 atracou no caes d'Alfandega um escaler de onde desembarcaram dous grandes volumes; a sentinella rondante quiz obstar, mas alguém que se julgou *authorisado*, disse-lhe que deixasse passar, e o guarda obedeceu. Não se sabe o que significa isso, nem si o caso é exacto; comtudo pede-se a S. Ex. mande-o syndicar, e ouvir o guarda que esteve de sentinella ás 10 horas.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, participando-lhe que os meninos tiveram a habilidade de arrancar a

grade da Communhão da egreja da Sé e foram vendel-a n'uma tenda de marcenaria á ladeira dos Gatos: foram autores desta graça, um filho do finado Guilberme que foi empregado na policia, um filho do sineiro da Sé, e mais dous conhecidos por *Nonô* e *Totonho*; estes meninos são diabolicos e vivem de atirar pedras e de outras traquinadas, não ficando isemptas de suas artes as pobres pretas vendedeiras de doces. S. S. por tanto está vendo quanto se torna urgente a providencia de mandal-os agarrar, ja que na casa paterna não encontram a devida correção.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande acabar com uma sucia de meninos vadios que ha na rua do Castanbada; são chefes dessa baderna; Elias neto de um guarda d'alfandega, um filho de João Candido da Familia, que tem casa de jogo no becco do Araçá, e o neto de uma africana moradora no becco do Pinho; são esses tres atletas que reúnem a valente cohorte que traz os moradores dalli atropellados. S. S. fará, á vista do exposto, o que entender.

—Vejam que graça!

—O que houve?

—No sabbado quando se representava o drama Suzana, no quinto acto na occasião em que Imbert desfecha o

tiro em Montal, o Sr. Flavio possuiu-se tanto do papel que julgou que a cousa era de veras, e pespegou na cara do Sr. Julio um tiro á queima-roupa de polvora secca!

Felizmente as consequencias não foram desastrosas.

—Uma rectificação.

—Pode fazel-a.

—As allusões contidas na segunda missiva do Zé-monturo a seu compadre, sobre uma pessoa moradora na rua dos *pés de Laranjas*, não se intendem com uma respeitavel senhora moradora na rua da Larangeira, como cspalha alguem.

—Estou sciente.

—Isso é mesmo da policia de nossa terra!

—E' celeberrimo!

—Pois a patrulha acha um alarma daquelles, mais de uma pessoa ferida, os gritos deshonestos continuam em sua presença, e ella no meio de tantos só prende a um homem que está ferido!

—Mas o que quer? Não vê que dentro da dança ha soldados de policia, e que não é possivel prender gente da seita?

—E o Sr. subdelegado da Sé que ja tem tido noticia do procedimento daquellas mulheres na ladeira dos Gatos, deve dar uma providencia para que as familias não estejam de vez em quando expostas a uma chuva torrencial de palavradas.

—Eu tenho fé que elle ha de fazer isso.

—O estado em que se acha a fonte do Qneimado, é lastimavel.

—Graças a camara municipal!

—E demais a mais reduzido aquelle logar de serventia publica a lavadouro de cavallos!

—Outro dia tive de passar por la ás 6 da manhan, e vi se lavando um grande numero de cavallos, que me disseram serem de nm filho de um Sr. *Zé-Bruno* morador daquelles lados.

—E os cujos (cavallos) vão alli á

qualquer hora do dia beber agoa. E com suas patas.

—Varro!

— estragam tudo por alli.

—Si ao menos o fiscal geral desso um giro por lá. . . !

VARIEDADE.

Julia, filha d'um livreiro,
Lucinda d'um impressor,
Por sympathia levados
Amaram-se com ardor.

Amor fez um dia dos dous
Ensajar um terno beijo,
E de oitavo viu in folio
Julia crescer o desejo.

Os quatro labios no choque
Accenderam tanta chama,
Que só conhecê-la pode
O coração que bem ama.

Não passou Lucindo avante
Mais do que um beijo não quiz,
Separando-se de Julia
Com quem fôra tão feliz.

Ah! exclama a triste amante
Toda dôr, toda pezar,
Que louco impressor. . . d'um beijo
Tira só um exemplar.

Gentil.

Um ladrão, que não tinha chapéu, sahindo de certa egreja no meio de um immenso apertão, furtou um de castor muito fino a um sujeito que o levava debaixo do braço. O sujeito sentindo o chapéu escapar-lhe poz-se a gritar: furtaram o meu chapéu.—Mas o ladrão pondo immediatamente na cabeça o que tinha tirado, e carregando nelle as mãos ambas disse: *Eu desufo a algum que me tire o meu; e eva liu-se, sem que ninguem suspeitasse que era elle quem tinha commettido o roubo.*

Estava uma mulher a um canto allivando-se do que a incommodava a tempo que passava um sujeito, ella muito envergonhada levantou-se.

Não, não, lhe disse elle, deixai-vos estar; antes quero ver a gallinha, do que o ovo.

(Extr.)

A PEDIDO

Declaro que a pessoa encarregada da procuração de meu irmão o tenente

Adolpho Sepulveda que se acha no sul, nada deve das consignações deixadas a minha mãe para seus allinetos; e esta faço publico em virtude de um escripto sahido no *Alabama* de 9 do corrente mez, talvez por informações inexactas. Bahia 11 de agosto de 1866.—*João Muniz Sepulveda.*

AVISO A COMPANHIA DOS CHORÕES.

A Mariquinha Coroa-ciri está pedida em casamento

O Azeiteiro.

- Muxingueiro!
- Prompto!
- Vae ao *Madeiro do Paschoal* e pro-

cura o dono da casa marcada com *Tres lustros* e diz-lhe que a vizinhança queixa-se amargamente de uma caterva de meninos e moleques que vivem a insultar e provocar a todos, com palavras e obras, o que não é possível aturar por mais tempo.

Si la não estiver procura-o na rua *Real* onde elle sempre está.

—Ja sei quem é; tenho informações que esta gente no lugar em que anda é o flagello das pessoas que tem a infelicidade de lhes ficarem perto.

— Talvez que o chefe da casa ignore, por que anda na rua, e por isso é bom prevenil-o.

—Serei breve.

Eis como paga a mãe patria
A um filho devotado,
Que na guerra a defendel-a
Velta aos lares mutilado.

Nem si quer doze mil rs.
Que a outros costuma dar,
Como uma esmolla mensal
A este quiz dispensar.

E agora o *voluntario*
Pede a todos uma esmolla;
Serve-lhe a blusa de andrajos
E o chapéu de sacolla.



(Continuação.)

—Seria um nunca acabar, si quizesse narrar ponto por ponto a vida dissoluta do vigarinho de Matatum.
Aquillo não é padre, é satanaz em

figura de homem.

No dia 6 de julho findo, mettu-so elle em orgia n'uma senzalla com a negrinha Emilia.

Sabendo disso a Vitalina, que é eu,

tra damnada como elle, munia-se de um canivete e foi surprehendol-os no melhor do gosto.

O padre mestre que não esperava por aquella visita desmancha prazeres, ao ouvir a voz de Vitalina, que parecia uma trovoadá, ficou atterrado, e succumbido.

Vitalina açanhada como cobra quando perde a peçonha metteu o pé na porta da senzalla e quiz arrombal-a, mas vindo o tal vigario, para evitar a tempestade, correu pela porta do quintal com a Emilia e foi se esconder no mangue que fica no fundo da casa.

Vitalina não os encontrando voltou para a casa, e em desfeita ao laxo vigario cortou os cabellos, por que elle tem os cabellos de sua *dona* em grande apreço.

No outro dia foi o vigario para a casa julgando que Vitalina estivesse de animomais brando; porem esta ardendo em zelos, lançou-se á elle como vibora, e foi lhe passeando pela cidade dos queixos, e não contente com isso foi buscar uma navalha, dizendo que lhe ia tirar metade do ardor genital.

O padre sabe que Vitalina não é de graças, poz-se no andar da rua, e no dia 8 largou-se para a cidade, onde anda a ver se seduz a filha da crioula na ladeira do Carmo onde vae comer mocotó.

—Si me não engano, o dia 8 foi domingo; e elle deixou os seus freguezes sem missa!

—E é a primeira vez? Isso é sempre. Só diz missa por dinheiro.

Foi se empenhar com um homem serio para o levar de padrinho para que a Vitalina não brigasse quando elle chegasse.

—N'um padre, é o que pode ser safatez.

—Não é a primeira vez que a Vitalina faz disso com elle.

Uma vez até quiz dar-lhe uma surra.

—Homem de Deus, não me diga isso.

—E' o que lhe digo.

Andava elle atraz da filha do sapaiteiro de que ja fallei.

Um dia Vitalina inchou a cabeça o

foi esperal-o ao pé de um rio, que tem muitas *aboboras* na margem.

Quando nosso Rvm. apontou, Vitalina foi sobre elle com um estirado sípó de caboclo, e não perguntou quem estava de vigia, foi o refrescando com viração. Então elle para serenal-a ajoelhou-se em seus pés pedindo que não fizesse aquillo alli que era feio; mas ella não esteve por isso. Felizmente para elle, appareceu alli um homem que o livrou daquelle transe. (*Continua*)

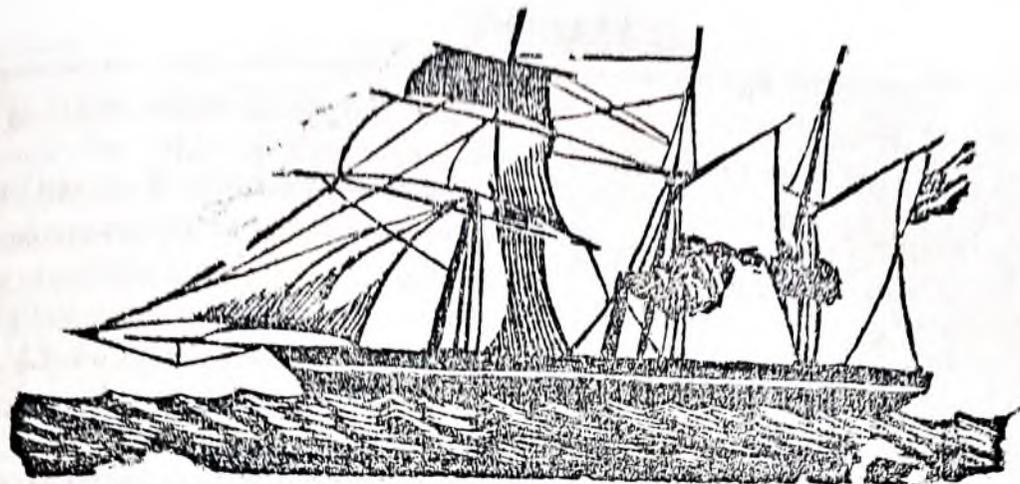
Portaria.—O muxingueiro do *Alabama*, logo que esta lhe for apresentada, dirija-se á cidade da Judéa, reuna todos os moleques, e tomando o reu mais criminoso que nas cadéas d'aquella cidade se achar cumprindo sentença, conduza os beleguins que arrancaram a farda a um guarda nacional ao logar onde praticaram esse acto, e ás mesmas horas em quo sacrificaram aquella victima, arranquem-lhe a facha, façam lhe a barba á facção, rompam-lhe a casaca até a gola, atem-no á grade da mesma cadéa, e arrumem 500 calabrotadas no chefe e 250 em cada um dos que o ajudaram; o que feito conservem-nos atados á mesma grade, para exemplo dos malvados até que grem por *S. Alexandre* de uma igreja de barro e pelo desleiteado: O que cumpra. Bordo do *Alabama* aos 28 de julho de 1866.

O Immediato.—*Lima Barboza*.
Está conforme.—*Veriato*.

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

17 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.º 87

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de agosto de 1866.

Officio ao Hlm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que no dia 6 do corrente, tentou suicidar-se dando um profundo golpe de navalha no pescoço, a parda Maria Guilhermina, moradora á rua da Faisca, freguezia de S. Pedro, e não consta que até hoje as authoridades locais dessem o menor cavaco, nem procurassem tomar conhecimento do facto, que talvez encerre algum mysterio escandaloso; havendo até quem assoalhe que anda mettido nessa rasca da um sacerdote; espera-se á vista do exposto, que S. S. proceda como é de dever.

—Ao Hlm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para a loja de uma casa na rua do Saboeiro a dobrar para a ladeira da Praça, onde parece que os moradores não dormem á noite, e fazem gala de incomodar duplamente a visinhança não só com o barulho, como com as immoralidades praticadas. Em vista do que pede-se a S. S. mande depositar tão turbulenta gente por uns dias na Correção, para ver si fica escarmentada e deixa de fazer algazarra.

—Ha cousas que só o diabo as intende!

—Quaes são ellas?

—Dizem que o destacamento de policia nos Lençoes está morrendo á fome, por que ha tres mezes não recebe soldo; que os soldados estão quasi ás esmolas, que o commandante do dito mandou duas praças á capital ha cerca de um mez a ver si arranjavam alguns cobritos e estão até hoje vendo ao signal por que na thesouraria provincial não ha vintem; e no entanto vejo no expediente do governo do dia 9 o seguinte:

«—Ao inspector da thesouraria provincial, dizendo que, a vista de sua informação com data de 6 do corrente, pode mandar entregar ao commandante do corpo provisório de policia a quantia de um conto de reis pelo mesmo pedida para compra de arreios e animaes necessarios ao mesmo corpo.»

Como se decifra isto?

—E' que, ou os arreios dos cavallos são de mais urgencia de que a penuria dos soldados, e o presidente tem interesse em que elles ajuntem dinheiro, ou então é falso que elles estejam mortos de fome e pelo contrario passam vida folgada e milagrosa.

—Leu a Historia da Semana—do *Liberal Progressista*?

—Pois não; é assignada por um Sr.

Macario. Gostei muito dello dizer que durante a semana tivemos dous divertimentos: —O beneficio da sociedade G. Litterario, e a reunião familiar de S. Ex. o Sr. Dr. Leão Velloso, que teve por objecto solemnizar o natalicio de uma de suas queridas filhas!

De sorte que uma reunião de familia para solemnizar annos de um filho ja é divertimento publico, que mereça ser registrado como tal, só por que foi o presidente quem a deu:

—Homem, V. é que não entende; quando o Sr. Macario disse —tivemos dous divertimentos, creio eu que falla relativamente à sua pessoa, que divertiu-se duas vezes na semana. Porque o homem não ia cahir na asneira de dizer que o publico é meia dúzia de amigos do presidente, que lhe foi comer os bolinhos e cerrar o chá.

—O que mais me admira é que sendo o Sr. Macario, como diz, uma aurora em frente d'um valle de cyprestes, uma estrella quebrando-se apagada sobre a fronte gelada de um cadaver, um homem frio para o mundo, goste tanto de pagodes e de estar em reuniões que tenha moças bonitas.

— Isso tambem ja parece deleixo inqualificavel!

—O que ha?

—Pois a camara não pode mandar tapar aquelle enorme buraco que está no meio da rua antes de chegar a fonte de Santo Antonio?

Um logar tão transitado, em que passam tantos carros que se dirigem ao matadouro publico, em que as ganhadeiras de carne andam para baixo e para cima; está aquelle precipicio de boca aberta á espera que algum descuidado lhe vá cahir nas garras!

—E empenham-se, pedem para serem vereadores; quando se apanham eleitos deixam tudo no mais vergonhoso abandono.

—Eu, até certo tempo, quando ouvia se fazer certos juizos, achava que eram exagerados, mas hoje tenho plena convicção de que com limitada excepção

só si quer ser vereador com um fim.

—Qual é?

—Elles sabem melhor do que eu.

—Foi ao fogo na Saude?

—Não tem duvida.

—E eu tambem. Achei bom.

—Houve extraordinaria concurrencia, e poucas desordens.

—A unica que vi foi provocada pelos proprios policias que queriam acabar com suas espadas um soldado do 8.º pelo simples facto de estar este tocando viola!

E si não é o delegado com sua costumada prudencia a cousa ia adiante.

Os homens estavam esquentados, não queriam attender nem ao proprio delegado.

—Os moleques tambem fizeram das suas com um maluco que lá appareceu.

—E andavam a escabriar os rapazes que appareciam com suas dulcineas, par a par.

—Nisso é que a policia devia intervir.

VARIÉDADE.

ORAÇÃO.

Oh! meu Deus! supplicou um homem devoto em sua oração á Deus; fazei que eu ganhe de repente cem contos de reis, e de boa mente darei a metade aos pobres; ou si me não acreditades, dae-me só os cincoenta contos!

O MEU DESEJO.

Si eu fôra das matas, um tigre sanhudo,
Comtigo sómente quizera morar;
Si eu fôra das aves, a ave rapina,
Em teus feios trombos quizera pousar.

Si eu fôra polia, ou galica sarna,
Teu nojento seio quizera adornar;
Si eu fôra emissario da Gran Proserpina,
Nas azas, ao Averuo te havia levar.

Si eu fôra Plutão, es-e rei tenebroso,
Meu throno de fogo te havia offertar;
Si eu fôra das minas, o ferro mais forte,
Servira em algemas para te arrochar.

Si eu fôra dasagoas que o Lethes despeja,
Teu corpo asqueroso quizera bunhar;
Si eu fôra o artista que o Inferno pintou,
Em braços de fogo te havia pintar.

Mas eu não sou tigre, nem ave rapina,
 Nem sarna ou polia para te acabar;
 Nem tenho de fogo, o throno, e as azas,
 Nem tambem algemas para te arrochar.

Nem tambem sou Lethes, nem tão pou-
 co artista,

Menos azorrague para te agoitar;
 Mas sou oh! infame, um ente offendido,
 Que com teu remorso se lra de vingar.
 (Extr.)

A PERDIÇÃO

(Continuação do Sr. Gatuno.)

—Um dia porém o Sr. Gatuno com os olhos chamejantes, à maneira do lobo esfaimado quando se atira a presa, com o espirito indemoninhado agarrou a joven menina, luctou com ella, rasgou-a, arranhou-a, e . . . a debil menina, sem forças para luctar com o monstro, succumbiria na lucta, si a não accudissem pessoas da familia que a vieram tirar das garras do abutre, o qual retirou-se escumando de raiva por não ter logrado seu intento.

A menina foi para casa banhada em prantos; o pae ao saber, impossibilitado de poder tirar vingança, pelo seu estado de saude, escreveu-lhe de cima da cama uma carta exprobando-lhe sua indigna acção, lançou-lhe em rosto toda picardia de tão covarde procedimento, valendo-se da infelicidade de um pae para intentar saciar nefandos desejos, e finalisou lastimando o seu estado que permittia que elle passasse por aquelle transe sem poder dar a um desalmado o justo castigo.

A fera guardou a carta porque assim lhe convinha e nada disse. Deixou passar dias, e como o homem lhe era devedor, mandou-o intimar que queria sua casa, e tratasse de se mudar, e incontinenti requereu mandado de despejo. O homem prevendo a furia do Sr. Gatuno, mudou-se, de sorte que a intimação quando foi já não o achou.

A serpente assanhada, premeditou vingar-se; fez alguns desarranjos na casa, arrancou fechaduras, borrou as paredes etc., e requereu depois a authoridade corpo de delicto em sua propriedade por damnos causados, diz elle, pelo inquilino.

Armado com o corpo de delicto anda agora a massacrar o pobre homem; todos os dias dirige-lhe recados e cartas insultuosas; allega que sua casa ficou tão ordinaria, como ordinaria era a gente que nella morou, e exige arrogantemente o dinheiro do aluguel, ameaçando que lhe ha de mandar pôr os cacos na rua, embora elles nem para as custas cheguem.

E amiudadamente recebe o homem uma ameaça destas, levando a consternação e o desespero ao seio da desventurada familia.

Eu que sei, que V. Ex. é o decidido protector dos desvalidos, trago-lhe o Sr. Gatuno para que V. Ex. o obrigue a não contender mais com o pobre homem que, além de ultrajado, ainda se vê perseguido.

—E o que diz a isto o Sr. Gatuno?

—Digo que só quero meu dinheiro.

—Ainda não é isso que lhe pergunto, fallo-lhe acerca dos factos de que foi accusado?

—Tudo isso, Sr. capitão, são pretextos frivolos. Eu sou uma pomba sem fel.

—Eu lhe creio. A sua physionomia está mostrando.

—Quantos mezes de aluguel lhe deve o homem?

—Um mez e tantos dias.

—Ora deixe-se disto. Pois Vm. para tirar uma vingança infame deita o homem para fora, fal-o mudar da noite para o dia, e ainda tem animo de o perseguir?

A couza muda de figura.

Tomo a negocio a mim.

(Continúa)

Pergunta-se ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, si sendo a lei igual para todos, qual a razão porque, em quanto todos os guardas dessa repartição estão no trabalho, anda um de sol á sol, a encher as ruas de pernas?—Será algum protegido, ou estará licenciado, para com seu proceder andar affrontando a moralidade publica?

O Rochinha.

Destas meninas da moda
O segredo vou trahir,
Venia humilde á ellas peço,
Si a verdade as vao ferir.

Não mandei, quo no meu peito
A vingança despertassem;
Não mandei quo dos rapazes
Sem rasão tão mal fallassem.

Depois que se descubriu
Póz de arroz, balão, crescente
Não ha moça que não seja
Formosa, bella e decente.

Com cabellos de defunto
Sua fronte é povoada,
Com carmin, pós e zarcão
Sua face alva é corada.

Sarda, espinhas des'parecem
D'uma cara matizada,
Dentes á Renaldy fazem
Levantar boca chupada.

Almofadas de algodão
Suprem bem d'um seio a falta,
Eis que sendo lizo, chato,
De repente aos olhos salta.

Nos vestidos largas mangas
Dos braços encobrem ossos,
Suas caudas de macaco;
Pés compridos, chatos, grossos.

La por dentro das anagoas,
Dos balões pernas zambetas,
Parecendo mui roliças
Quando são finas varêtas.

Si alguém, moça onfeitada
Por engano desposar,
Conduzindo-a pela mão
Pode ao pae assim fallar:

«Não foi esta a bella moça,
Com quem hontem me casei,
Me casei com moça e carnes
E só pannos encontrei,

Trago pois esta esguellada
Que dos pannos me ficou,
La em casa fica a esposa,
Que nas roupas me deixou.»

Estas meninas da moda
São de arame e papelão,
Quem quizer caze com ellas
Quanto a mim, eu cruz! eu não!

**Nova algebra de Mr. la-Baron
du venha á nós.**

Ponde sempre em rasão decrescente
Toda idea de moralidade,
O respeito á Religiao
Ponde em zero, ou d'um avo a metade.

Corrupção, malvadeza, perjurio
A' potencia maior elevai;
Somai peita, traição, e suborno,
E co'o estado actual comparai.

P'ra vencer, mesmo algum homicidio
Seja aos numeros supra levado,
E de taes gentilezas somnadas
Tirareis grandes homens de estado.

Ai do povo! é exacto, e provado
Calc'lo este da velhacaria.
De figuras de quem nenhum caso
O Brasil, ha bem pouco fazia.

MOTTE.

*Quando morre um homem rico
Todos querem ser parentes.*

GLOSA.

Quer tudo metter o bico
Juiz, escrivão seu rancho:
Vem muita gente de gancho
Quando morre um homem rico:
Até mesmo do penico
Ha trinta mil pretendentes,
Chegam todos bem contentes
Formando o jogo do pilba,
E na hora da partilha
Todos querem ser parentes.

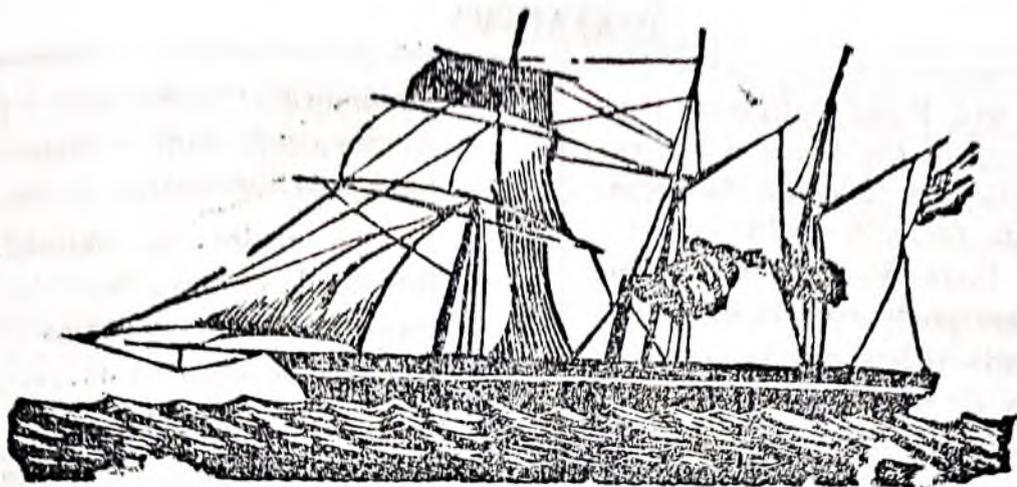
(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhres diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRACIONA.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

18 DE AGOSTO DE 1866.

SÉRIE 9.^a—N.º 83

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que a companhia do Olho-vivo anda fazendo proezas. Na Calçada, só á casa da viuva do patrão mor João Fernandes de Carvalho foram duas vezes; na ultima sendo presentidos pela senhora quando se retiravam, chegou esta na janella e disse para ver si os intimidava—vae, que eu ja te conheço—, a que um dos ladrões com incrível audacia respondeu—dê graças a Deus si for isso só—. Entre elles distinguia ella um soldado.

No mesmo lugar andam tres sujeitos membros da companhia e insignes escamoteadores, um delles conhecido por *Nós pardos*, outro *Prudente* e um outro; estes porém contentam-se com cousas insignificantes: garrafas de vinho ou cerveja, pedaços de carne, um queijo etc.

Na semana passada um tal Ignacio, ourives, fabricante-morderosarios para creoulas, morador á rua Direita do Collegio, mandou por um seu discipulo á cidade baixa buscar um rosario de ouro que tinha dado para enfiar; um sujeito que presenciou quando o menino rece-

beu, acompanhou-o até a ladeira da Misericordia, e abi dando um tombo no menino, tomou-lhe o rosario e largou-se.

Além disso, S. S. terá reparado constantemente nas gazetas diarias annuncios de roubos de relógios e outros objectos.

Em vista do que fica dito, pede-se a S. S. providencias que façam refreiar a ousadia de semelhantes larapios.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, lembrando-lhe de novo a providencia de fazer com que os capadocios não andem na sua freguezia alta noite a incomodar o povo com vozerias e bebedeiras; insultando a quem tranquillamente vae seu caminho.

Na noite do dia 11 uma pessoa que sabia do theatro foi insolentemente pateada na rua da Misericordia sem que nenhum motivo desse para isso.

Na rua do Bispo havia um outro grupo de mais de vinte pessoas, que fazia um alarido infernal, e a guarda da policia estava alli bem perto!

Portanto ainda uma vez recorre-se a actividade e energia de S. S.

—Ora entendam lá o Sr. Leão Velloso:

«Expediente do governo—requerimentos despachados—dia 10—Augusto Ferreira da Costa; offerecendo 600\$

afim de ter sua baixa conforme permitto a lei. — *Não tem logar o que requer o supplicante á vista da lei n. 1250 de 8 de Julho de 1865.*

«Antonio Leão da Silva Serra; pedindo para ser posto em liberdade por haver recolhido a thesouraria de fazenda a quantia de 600\$, *afim de ficar isempto do serviço militar.*—Com a ordem nesta data expedida *foi o supplicante deferido.*

Isto é justiça?

Pois a lei permite a um que se resgate do serviço por dinheiro e a outro não?

Ou será que o presidente da provincia quer fazer gala da mais requintada parcialidade?

—Veja outra:

«Hermogenes Nery Barbosa; offerecendo a quantia de 600\$ para ficar isempto do serviço. — Remettido ao commando das armas para informar.»

—Parece uma stultice; si S. Ex. sabe que a lei prohibe, o que é que vae o commandante das armas informar?

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da roça ao compadre da cidade.

Amigo e Sr. compadre. —
Meu coração só anheia,
Que vossê ao pegar nesta
Não soffra alguma mazella.

Ficarei encorujado,
Todo triste e angustiado,
Si ao pegar vossê na minha
Estiver adoentado.

E desejo que a comadre
Gose uma boa e perfeita;
Porque isso de doença
Não agrada nem deleita.

Cá chegou o *Peixe-gallo*
No seu cavallo *das duas*,
E eu pela via delle
Recebi noticias suas.

Quando vossê me faz uma
Carta, eu fico arrepiado,
Sinto coegas de gosto,
De prazer fico babado.

Aproveito a Anastacia,

Que agora a negociar
Anda cá por minhas partes
Para esta lhe enviar

Por serem dous os caminhos
Que ha de cá para lá,
Quasi entre nossas cartas
Um desencontro se dá.

A Anastacia que leva
Esta que agora lhe encaixo,
Gosta sempre d'ir por cima
E o *Peixe-gallo* por baixo.

—Vejo o que me diz na sua
Sobre os impostos novos.
Me diga—eu tambem pago
Quando deitar os meus ovos?

Vossê bem sabe que sempre
Gostei de crear gallinha;
Quantos pintainhos tiro
Come a porca da vizinha.

O Dantas tão philantropico
Junto com seus companheiros
Deviam dar o exemplo
Para serem justiceiros.

Não são elles deputados?
E como taes não recebem
Uma bem grossa quantia?
Porque metade não cedem?

Elles talvez se esquecessem,
Mas deviam se lembrar
De no seu parecer monstro
Estas medidas ditar:

«Dará do seu ordenado
Cada illustre deputado,
Cincoenta por cento ao menos
Par' urgencias do Estado.

«Dará sessenta por cento
Deputado que for mudo;
Para os cobres de gauderio
Não levar de tudo em tudo.

«Cada nobre senador,
(Por serem homens usados)
Pagará por uma vez
Dos ganhos dous mil crusados.

«Cada um Sr. ministro,
Trinta por cento dará
Em quanto durar a crise;
Finda esta cessará.

«Presidente que acceita
Com grande constrangimento

As redeas da presidencia,
Deve dar vinte por cento.

«Tanto general de baldo
Que anda ahí á tóa
Ganhando sem fazer nada,
Pague uma cota boa.

«Quem tiver mais d'um emprego
Com immensas regalias,
Em quanto durar a guerra
Não ganha por duas vias.»

Os homens hão de dizer
E' melhor que esse roceiro,
Cuide em sua mandioca
E não se metta em sarceiro.

Apezar de tudo isso
Eu com gosto pagarei;
E o que der meus abacates
Com elles repartirei.

—A comadre do vigario
Anda muito enjoada;
Tudo quanto come lança,
E traz a barriga inchada.

—Seu afilhado, coitado!
'Stá bem doente o rapaz,
D'uma terrivel dentada
Do cão do juiz de paz.

—Lhe remetto esses quiabos,
E não lhe mando uns pepinos
Porque servem de regalo
Par' a mãe de meus meninos.

Paro aqui, charo compadre,
Do que desculpa lhe peço;
Esta ja vae estirada
E me faz mal o excesso.

VARIÉDADE.

De quem é o filho?

—De quarenta e um annos de idade, e dotada de uma formosura notavel, Mme. V.... viava residente na rua de Saint-Honoré, em Paris, tinha se ajustado em segundas nupcias; esperava porém, que sua filha, mademoiselle Ernestine, de vinte e dous annos de idade, casasse primeiro.

Mlle. Ernestine, casou haverá um anno, e poucos dias depois madame V. contrahiu segundas nupcias.

A mãe e a filha acharam-se ambas no mesmo tempo em um estado interessante, e no mesmo dia deram á luz dous rapazes.

Não se tinha previsto esta coincidência, portanto só havia em casa um berço, onde a parteira accommodou como ponde e provisoriamente as duas crianças recém-nascidas.

A parteira sabiu. Poucos momentos depois uma das duas mães quiz ver o seu filho.

No berço havia dous rapazes, mas qual delles seria?

Foi chamada a parteira para a classificação das crianças. Confessou com franqueza que tinha andado com tanta precipitação que se não podia lembrar qual dos dous recém-nascidos pertencia á mãe ou a filha.

Este mysterio talvez nunca se esclareça.

A PEDIDO

—Vem cá, *Carrinho!*

—Prompto.

—Ora dize-me para que não vendes teu basilicão socegado, sem te importar com a vida alheia?

—E' porque é genio meu fallar de todos.

—Pois como é genio teu fallar de todos, como para ti não ha honra, lembrar-te-hei certos casos de tua familia, e depois mandarei o muxingueiro cortar-te metade desta lingua viperina!..

—Jesus!

—Vê lá si não te emendas!

Foram nomeados para os postos vagos do batalhão *Sem vontade* de Latro-nopolis os seguintes cidadãos:

Estado maior.

Tenente coronel—Patronato das Enxundias Beldroega.

Major—Filbotismo Carcavista Ramalho Maniçoba.

Tenente quartel-mestre—Senicura de Paiva e Pona.

Tenente secretario—Mamador dos Arranjos Lirio Branco.

Tenente ajudante—Surríprio Lamuria Pepineira.

Alferes porta bandeira—Estudio Manjelornm Cumicheira.

1.ª Companhia.

Capitão—Acinte Menos-presos da Lei.

Tenente—Violento Atrabilario Gai-nana.

Alferes — Peditorio dos Empenhos Maganão.

2.^a Companhia

Capitão — Rabo-leva Penteados Jequitaita.

Tenente — Interesseiro Parente de Nós mesmo.

Alferes — Servil Bajulatorio Cabisbaixo.

3.^a Companhia.

Capitão — Ze Capavira Instrumento Cego.

Tenente — Arbitrio Prepotente de Azambuja.

Alferes — Impudico Saturnal de Piparotes.

4.^a Companhia.

Capitão — Desregrado de Conducta Duvidosa.

Tenente — Passarinho da Virtude Meu Paosinho.

Alferes — Indecoroso Salti-banco Rio Cheio.

5.^a Companhia.

Capitão — Galardão dos Escandalos Mandioca.

Tenente — Evidente Impericia do Governo.

Alferes — Mandrião Bocca Aberta Sem Prestigio.

6.^a Companhia.

Capitão — Macario Presidente Sem Tino.

Tenente — Marmanjorio Maria Vae-te-com as Outras da Boa Morte.

Alferes — Simplorio Tatú-peba da Imbecilidade.

7.^a Companhia.

Capitão — Egoistico Frascario das Bringellas.

Tenente — Birbante Sem-pavor Carroço-duro.

Alferes — Espalha-Brazas do Olho-Vivo Caqueirada.

8.^a Companhia.

Capitão — Tropiante Espertalhão da Pavonada

Tenente — Esteio Receptaculo das Tratadas.

Alferes — Braz Bollotas dos Capotes Arranjados.

MARIZ E BARROS.

*On se parlerà de sa glorie
Sous le cahoume bien long temps*
(BERANGER.)

III

O rio é turvo; e a fumaça
Escurece a terra e o ceu!
Dos navios a couraça
Resiste ao negro escarcén.
Cruzam-se as ballas... e a morte
Voa dos vasos ao forte,
Do forte aos vasos tambem.
Ninguem na lacta descança
E todos bradam—vingança,
Cada uma vale por cem.

O forte é quasi arrasado
A chata la se afundou,
A guarnição cabe a nado,
E logo o fogo cessou:
Batidos esses escravos
Não quizeram nossos bravos
Abusar da posição.
Mas ah! que fatalidade!
Nossa heroica mocidade
Succumbe depois d'acção!

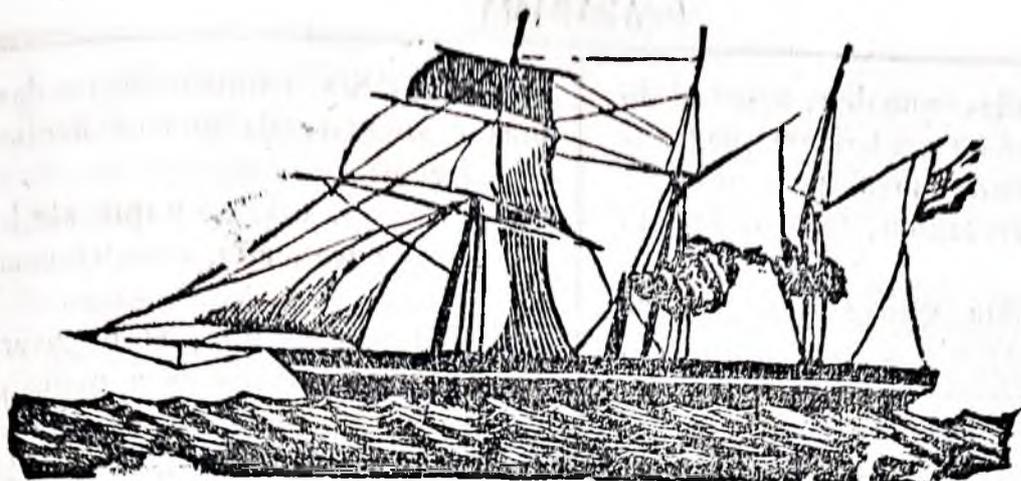
De repente a casamata
Do vapor *Tamandaré*
Com estampido se achata
Estremece a prôa e ré!
Foi uma tremenda bala,
Que, como um raio que estala
Arremeçou estilhaços
Da casamata em pedaços
Por toda a tripolação,
E foi nas vascas da morte,
Nessa agouia final,
Que lançou aquelle forte
Esse lampejo fatal.

Mortos uns... e decepados
Foram outros amputados;
Mas ninguem alli tremeu!
Mariz e Barros—ferido...
E sem dar um só gemido
Foi amputado... e morreu!

(*Continúa*)

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado declara a todos os seus devedores que compareçam na sua loja ao Taboão, n. 2—M N—para saldar suas contas; do contrario terão de ser chamados pela imprensa pelos seus respectivos nomes. — José Mari-
nho da Motta.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIUSTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

21 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.º 89

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de agosto de 1866.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, lembrando á S. Exc. Rev. a conveniencia de acabar com o abusivo costume das missas pedidas, meio de que se vale muito espertalhão para implorar á charidade publicae: ultimamente esta praxe tem attingido proporções extraordinarias, e a cada canto, principalmente nas quintas feiras, vê-se o povo atropellado por um enxame de pedintes, de pés no chão e um pratinho na mão, o que parece ridiculo.

S. Exc. Revm. sabe, que quem não tem para dar, não deve prometter para depois ser obrigado a incommodar os outros; e que o Supremo Senhor e sua Santissima Mãe não são tão interesseiros que, para restituir a saude deste ou aquelle, seja preciso se lhes fazer promessas, como se fazem á certos ministros quando si quer alcançar emprego.

Resulta de tudo isso que, si um ou outro procede de boa-fé quando pede esmolla para missa, dá azo a que immensidade de espertos façam disso meio de vida; razão porque se leva ao conhecimento de S. Ex. Revm. estas humildes reflexões, esperando-se que em sua altá

sabedoria S. Exc. Revm. resolva o que for melhor.

—A' Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar dous enormes buracos que existem, ha mais de um mez abertos, na freguezia do Pilar, sendo um nos Coqueiros d'Agoa do Meninos. e o outro defronte do arsenal de guerra, e em um dos quaes cahiu ha dias um homem que por alli transitava. Pede-se pois á Illma. que mande quanto antes remediar este mal, afim de que não se tenha de lastimar alguma outra scena mais triste.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que mande entulbar, por conta de quem pertencer, um rego d'aguas servidas e materias fecaes que ha no becco das Hostias, o qual desagua por um buraco que ha nos fundos do portuguez Antonio Roberto de Vallasques. Cumpra.

—E' um desaforo insupportavel dos taes bolceiros!

E não ha uma providencia que os faça chegar ao rego!

—Andam desembestados, sem attenderem ao risco que ha de pisar qualquer pessoa n'uma volta de rua etc.

—Um destes dias ia um pela rua Direita do Palacio a toda brida, zurzindo os pobres animaes que fazia dó; em uma

das mangoaladas que deu, a ponta do chicote foi offender um homem que tranquillamente caminhava pelo passeio!

O homem reclamou, mas o sujeito já ia longo!

—Si a policia quizesse, o publico não se veria exposto a estas e outras.

—Na civilisada cidade da Bahia, de baixo do governo constitucional de S. M. o Sr. D. Pedro 2º, dão-se factos, que nada deixam a invejar os actos praticados por Lopez!

—O que tem, meu Jeremias, que tanto lamenta sobre as ruinas de sua nova Jerusalem?

—Ouça; e si eu não tiver razão, diga:

João de Souza Rebello marchou sem vontade em um batalhão de voluntarios para o Sul, e de lá voltou com dous dedos de uma mão inutilizados.

Saltando aqui, foi immediatamente *recrutado* por um dos batalhões da guarda nacional para ser dado como contingente do mesmo, na segunda remessa que tem de fazer a guarda nacional.

Mettido no quartel da Palma, como vissem que o homem não servia, lá o deixaram entregue as baratas, e o infeliz permanece preso ha perto de um mez sem saber á ordem de quem, nem quem o ha de soltar.

O estado deploravel daquelle desgraçado faz dó! Morto á fome, sustenta-se com as migalhas dos outros presos que quando estão de vontade lhe dão um pouco de comida, e quando não estão, passa dias inteiros sem comer. O infeliz já teria morrido á fome a não ser alguns officiaes do 8º batalhão que condoidos dos soffrimentos do desvallido lhe dão alguma esmolla quando elle em brados queixa-se que está a exhalar por um pedaço de pão!

Ora diga-me, isto tem termos?

Pode-se sem culpa formada ter um homem preso por tanto tempo?

Com que direito manda um commandante de guarda nacional agarrar um cidadão e mettel-o n'um immundo calabouço, sem dar satisfação a ninguém?

—E os Srs. commandantes das armas o superior da guarda nacional o que fazem?

—Não sei; o facto é que até hoje o infeliz está trancado, sem ter commetido crime.

—Estou certo que, si o governo já tivesse responsabilisado a quem praticasse taes desmandos, os abusos não continuariam com tanta impavidez!

—Quer saber? Este mundo só é para quem é grande, e tem dinheiro adquirido seja como for; os pequenos só tem regalias e direitos nas vespersas de eleição.

—E si não houver uma providencia o homem la ficara toda vida; por que niugnem se julga authorisado a soltal-o.

VARIÉDADE.

AOS SRS. POETAS.

Da-se uma obra ricamente encadernada a quem glosar o seguinte:

MOTTE.

*Amor no meu peito é polvora
Que arde e não deita cinza.*

Filhete

Que ao seo amante escreveu uma rapariga, que havia aprendido latim.

Vita mea.—Non possum manifestare dolorem que *paeci* quando *notitia* me venit que tu habebas *molestiam*; *tota nocte* não dormivi com o pensamento in te, et *vix* amanbeci com multa *dolore capitis*, eis que me diz *mater mea*, nolo saias, *rapariga*, espera, Eibe *remedium* para jam ficares bona; et quando *Margaritam* video in *manibus* cum a *mesinha* cum tanta ira me possuit cum *arrenegada chingavi*, et como me responderet, *levantavi manum*, dedique bofetão. Quod jam tens ententido que *tota* minha *molestia* sanare non potest esse, quod tu *infirmus* eris

Jam sapis quem.

A PEDIDO

—Sr. mestre *Frueta de pitanguera*, deixe-se de andar desacreditando a quem não lhe dá a menor lè.

Para se intitular professor dançarino não é preciso andar á pór os honestos professores dessa arte pela rua d'amar-gura, atassalhando-lhes a honra e a moralidade, e procurando desconceitua-los no meio das familias circumsp-ectas, muitas das quaes tem o devido criterio para darem o verdadeiro peso e valor que merecem suas hervadas pa-lavras.

Não continúe, para não ter depois do que se arrepender.



—Padre vossê é patusco!
Onde vae de violinha?

—Von entoar uma chula
Na porta da crioulinha.

—Como fuma seu charuto
E toma sua golada!....

—Que fazer? si a Vitalina
Traz minh' alma apaixonada?

—Aqui por Matatuim
Fallam de seu proceder!....
D'uma vida tão devassa
Não pode retroceder?

—Eu tivera bem vontade!...
Mas a crioula maldita
E' causa dos desvarios
Qu' assim me desacredita.

—Sabe quem quer casar com uma das filhas do Cabocolo?

—O dez reis.

—Não conheço.

—Não conhece um cujo que anda a fazer casamentos em toda parte que sabe que ha moça com dinheiro?

—Ignoro.

—Está muito atrasado! Ouça:

Quando elle sabe que ha alguma me-nina rica, quer logo casar. Pretendeu casar com uma moça, que tinha oito contos, e levou taboca; depois encon-trou nos *Pés de coco* outra mocinha, com seus quatro contos e tambem quiz casar; soffreu grande opposição e afinal levou taboca: agora quer a moça que lhe fallo.

—Si for do gosto della, e si o juiz de orphãos achar que elle está no caso, por que não?

—Qual no caso! Elle o que quer é montar-se nos cobres.

(Continuação do Sr. Gatuno.)

—Capitão um pouco de paciencia, ouça mais um caso do *zeca* Sr. Ga-tuno dos Seixos Aberto. E depois dê V. Ex. suas ordens.

—Pode fallar.

—Em 185... como V. Ex. sabe, uma secca terrivel assolou o centro de Latronopolis.

—Tenho aind a gravadas na memo-ria as scenas desoladoras que presen-ciei por essas estradas.

—Pois bem; centenares de familias abandonavam o lar e sahiam ao accaso em procura de linitivo ao terrivel fla-gello da fome e da sede, sem saber onde o encontrariam. Muitos paes viram seus filhos cahirem extenuados, sem lhes poder valer. Houveram familias que se finaram por essas estradas!....

—Tudo isso é pungente e conster-nador, porém é verdade.

—No numero dessas infelizes fami-lias, houve uma composta de pae, mãe, e tres lindas meninas; uma teria 12 annos incompletos, outra 13, e a mais velha 14.

Tinham na capital alguns parentes de quem ha muitos annos não sabiam;

mas na terrível calamidade que a todos affligiam, todos os recursos para se sahir de tão consternador estado pareciam optimos e realisaveis.

Foi assim que o chefe dessa familia resolveu-se com ella a procurar os parentes da capital.

Na estrada foi assaltado do terrível febre que o prostrou para sempre.

Não sendo possível a viuva voltar mais para o seu domicilio, seguiu seu destino e depois de innumeraveis fadigas e tormentos sem conta, chegou a capital, onde não encontrou quem procurava.

Abandonada, desprevenida, sem abrigo, o que valeu a infeliz foram algumas pobres mulheres do lugar, destas que costumam acompanhar para a capital os soldados quando andam por esses sertões.

Essas mulheres, corações bemfazejos, encontrando sua patricia em semelhante penuria conduziram-na para sua pobre morada, em um beco na rua dos *Castanheiros*.

Ha nesta cidade uma sucia de bandalhos e hypocritas, que acobertados com o manto da charidade e arvorados em protectores da indigencia, vão invadindo as casas de familias pobres, e valem-se das criticas e apuradas circumstancias destas, para saciarem sua libidinosa sêde de lascivia. Pretendem afogar com dadas os sentimentos de dignidade e honra dos paes, e depois exigem, como prova de gratidão, a pureza e virgindade de suas filhas ...

—Eu sei disto; sei até de uma authoridade que prometteu a um pae alcançar-lhe licença para ter uma casa de jogo, só por que o homem tinha tres filhinhas lindas como os amores; e todos os dias ia visitar o pobre homem.

—E aqui até já houve um vigario que passava por grande esmoller e benéfico, e que no entanto só dava esmollas a viúvas que tinha filhas bonitas, e mais de uma foi victima de suas garras.

—Mas como ia dizendo... si o infeliz pae por um sentimento de brio

o pundonor repelle a audacia e insolencia do atrevido que o quer reduzir a degraute condicção de carrasco da honra de suas filhas, lançam-lhe em rosto os beneficios, chamam-lhes ingrato, e dessa data começa uma perseguição inaudita, principalmente si o chefe da familia como sempre nestes casos acontece, é mulher.

O Sr. Gatuno pertence a sucia dessa gente, e representa nella um papel importantissimo.

(*Continúa.*)

ANNUNCIOS.

Leopoldina Maria da Silva Igrapiuna e seus filhos, agradecem á todas as pessoas que se dignaram acompanhar até o ultimo jazigo, o cadaver de seu sempre lembrado filho e irmão Francisco Angelo da Silva Igrapiuna; assim como aos que assistiram a missa do septimo dia. Bahia 16 de agosto de 1866.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.^a casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Nesta typ. vende-se os seguintes livros:

Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno. — 7\$000 rs.

Historia da revolução franceza. — 8\$000 rs.

Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totvárád. — 5\$000 rs.

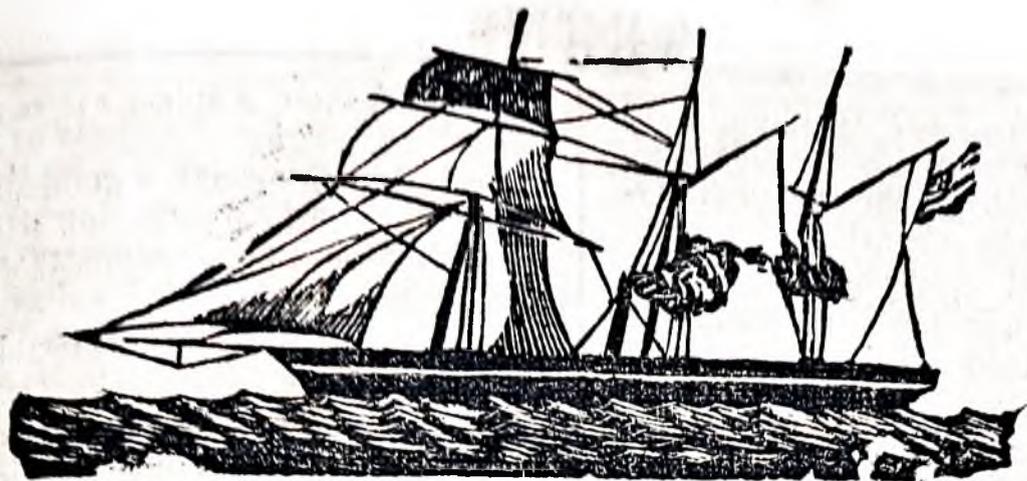
Historia da Edade media por Calogoras. — 3\$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2\$000.

Formulario do Chernoviz, edição do corrente anno. — 5\$000 rs.

Os Lusíadas de Camões. 3\$000 rs.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

25 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 9.^a—N.º 90

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 47, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de agosto de 1866.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe por especial favor que mande concertar um cano que ha na travessa que da ladeira do Genipapeiro vae para a Saúde, por que nem só incommoda as ventas de quem passa, como á noite succede que quem vae desapercibido por alli, atolla-se até as pernas nas materias secas que o mesmo desagua.

—Esta tambem é de cachupeleta!

* Requerimentos despachados—dia 17—Antonia Maria do Sacramento; pedindo que se lhe certifique si foram ou não para a côrte os papeis de seu filho Antonio Ignacio de Jesus, ex-praça da companhia de invalidos.—Na secretaria nada consta á respeito do requerimento de que trata a supplicante.»

De maneira que eu faço um requerimento ao governo geral por intermedio do governo provincial, e quando pergunto por meus papeis respondem-me que não sabem!

—Não se admire disso por que tenho visto muita gente se queixar de requere-

rimentos e papeis extraviados na secretaria do governo.

—Que maldicto lamaçal! Tenho tijuco até os olhos! Si sei não passo pelo Jogo do Carneiro.

—E' o cano do Motta que despeja para a rua.

—Não sei o que fazem os Srs. fiscaes que não obrigam o Sr. Motta a tapar o seu cano, ou ao menos não lhe prespegam com uma boa mula.

—A rua sempre está escura, á noite a gente vai sem pensar e mette-se no atoleiro.

—Vi a guerra das mulheres esta noite?

—Onde?

—No Terreiro.

—Não.

—Pensei que a policia só é que não tinha visto.

—Como foi?

—Uma tal Leonidia travou desordem com uma outra que mora por baixo do desembargador Tourinho e atracaram-se; cinco minutos depois haviam dous campos de pelejadores. Homens e mulheres de cada lado arremessavam-se pedras cacetadas etc. isto era acompanhado de uma vozeria o confusão difficil de comprehender; as

descomposturas, ameaças, improcações terríveis brotavam das aguçadas linguas. Só a Carijó com sua guolla fazia um estrondo infernal.

—O Sr subdelegado da Só deve tomar em consideração semelhantes factos, e pôr cobro à esta gonto que anda à noite a perturbar o socego publico, e a offender a moral com seus actos.

Todos podem andar na rua à qualquer hora, mas é preciso comportar-se em termos e não andar a incommodar o publico e assustar as familias com suas badernadas.

A PEDIDO

—Capitão, um acto digno de menção!

—Va dizendo.

—O Sr. Manuel Joaquim da Paixão Ribeiro, manda todos os annos no dia de S. Joaquim celebrar uma missa à Nossa Senhora de Guadalupe; este anno para tornar mais solemne sua devoção, deu carta de liberdade a uma sua escrava, que está pejada, assim de que seu filho ou filha nasça no goso della.

—Foi, na verdade, um brilhante acto!

Deus recompensará a todos aquelles que trabalham em favor da santa causa da liberdade!

[—Que diabo de baralhada é aquella?

—É a Felismina Tarasca que está a se esbofetear com a Maria Gertrudes; uma ja está toda ensanguentada, e de cabeça quebrada.

—E que bonita collecção de palavras estão os moradores da rua das Larangeiras a ouvir daquellas boccas!

—É nada de um soldado! Nas ruas desta cidade pode se matar a vontade!

—Olhe, que a tal Felismina é dos diabos! Sempre anda em rascadas!

—E parece que as patrulhas são somente para as ruas direitas; nunca vejo uma patrulha na rua das Larangeiras.

—Não diga isso; diga que as vezes para uma cousa de nada ha tanta ostentação de força, tanta superfluidade de providencias e para um negocio se-

rio, para manter a ordem não se acha um soldado na rua.

—E si o Sr. chega a um destacamento ou guarda e pede um soldado para um caso urgente, negam-lh'o.

—E assim vai tudo!

—Ouça mais esta; para ver até que ponto chega a falta de policia.

No domingo á tarde, passei pela rua da Misericordia, e vi um tal Viriato, que anda ahi, membro do olbo-vivo, a dar beijos n'uma creoula na porta da rua!

O abaixo assignado responde ao artigo da Bofetada inserto no *Jornal Constituição* de 19 do corrente, que a brida e as chibenas e o mais que elle offerece, em melhor boca e costado não podem assentar de que no tal bofetada — negociante mais tratante deste commercio, ladrão, passador de moeda falsa, charlatão gazozo, capacho, miseravel adulador, infame, intrigante, e tudo quanto mais de abjecto e imzundo existe na melhor rua da cidade baixa.

Continuarei como dizes a espiar, não a tua vida, miseravel, porque dessa ninguém de vergonha se poderá occupar, mas para com quatro bofetadas te quebrar os antolhos para ver se avista te fica melhor.

É a resposta que merece o bofetada, a menos que não se empenhe com algum protegido do

Caldeira Quente.

Maróca de minh'alma,
Venha cá, faça favor,
Me diga o que você faz
Por vida do seu amor.

Você foi ao beneficio
E muito mal se portou
Té que por fim os cachorros,
De você conta tomou.

Um e outro a pelejar
Para alcançar seu quinhão,
Entra Martinha gaguinha,
E acaba toda função.

E assim conclnida esta,
Que me enfastiava ver,

Cachorros deixem Marôca
Seu vicio satisfazer.

(Continua.)
O Vigilante.



O'lélé. . . . Querem brigar
Aquelles dous maganões?!
Pretende um lograr ao outro. . . .
Oh! que dous espertalhões.

Um *Perneta*, outro *Medonho*,
Cada qual mais sabidoio!
Pleteiam uma questão
Sobre qual é mais finorio!

E antes que a sentença

Tenha dado o juiz,

Quer o *Perneta* amassar
Do tal *Medonho* o nariz.

— Que carraspana tomou aquelle su-
jeito! São 7 horas da manhan e ainda
dorme!

— Deitou-se alli nos bancos do *Pas-
seio Particular*, e a mona foi tão forte
que ainda cosinha!

— E fez da farda travesseiro!

— Aquillo é feio para um official!
ainda si fosse soldado, tinha desculpa,

— O que vale é que elle tomou vo-
luntariamente sua bebedeira, ninguem
o mandou.

— Sr. ourives do *Corpo Bento*?

— Prompto.

— Porque não entrega as peças que
tomou para concertar, e o ouro para fa-
zer obras, ha mais de anno, sendo que
V. prometteu entregar dabi a 15 dias?

— Isso não é comigo.

— Não se faça da roça. V. não to-
mou na *Lapinha* certos objectos para
concertar, e não arribou até hoje?

Falle verdade, não negue.

— E' verdade; mas tenho andado
atrapalhado.

— Ah já confessa! Pois trate de en-
tregar as obras alheias; tem para isso 8
dias, findos os quaes será chamado pu-
blicamente e depois entregue ao mu-
xingueiro.

— Capitão. venho expor a V. Ex. o
procedimento de um chefe de familia
que abandona e despreza seus filhos por
causa de uma *mundeira*.

— Silencio! Nada de vida privada.

— Não é vida privada, é cousa pu-
blica; todos sabem disso.

— Quem é esse sujeito?

— E' o *Bernardino Panorama*.

— Conheço muito; e sempre passou
por disvellado por seus filhos.

— Depois que enviuvou mudou do
figura, e faz um extraordinario con-
traste do que era d'antes para com
seus filhos; tornou-se secco, inflexivel e
severo para com estes.

— E a rasão dessa transformação,
sabe?

— Uma damnada mulher que ad-
mittiu em sua companhia chamada *Ná*
é quem promove todos os enredos para
que o pae abandone os filhos; elle cabe
na asneira de lhe dar ouvidos e satis-
fazer aos seus malevolos desejos.

— Que rasão tem essa mulher, para
proceder tão infamemente com os fi-
lhos daquelle que lhe mata a fome?

— Ella tem filhos, e para que elles
sejam bem cabidos do *Panorama*, trata
de indispor os filhos deste com seu pae,

E o homem acredita nas mentiras que lhe prega essa maldita *Zoina*, a ponto de concorrer para que uma filha morresse do desgosto por se ver obrigada a cosinhar para a tal *Ná* e seus filhos, sendo obrigada a pobre moça a fazer até despejo!

—Fazia melher conceito do *Panorama*!

—Presentemente, capitão, uma outra filha acha-se egualmente enferma, sofrendo todo o rigor dessa *infame mulher* que tem o praser de ver finarem-se todos os filhos do *Panorama*, suppondo que para o futuro seus filhos venham a ser os herdeiros.

—Mas então o *Bernardino* não vê isto!

—Qual, capitão, está completamente allucinado, está maluco, apaixonado pela sua *Ná*, e por isso faz todas as vontades, e chega a tal ponto que um seu filho que era seu caixeiro, abandonou a caza paterna por não poder supportar a infame *Ná*.

Mande o muxingueiro armado do competente calabrote procurar pela freguezia do *bofe* a caza do *Panorama* e sua *Ná*, e dar com calabrotadas e um clister de agua forte na tal *Ná* para ver se muda de vida, e sahe de caza para fóra, a estabelecer-se como era dantes.

AVISO A COMPANHIA DOS CHORÕES.

A Companhia dos Chorões, no dia 26 do corrente pelas 7 horas da noite, deve estar formada no largo da Conceição da Praia, afim de acompanhar os Jovens que se vão receber como esposos. Depois do acto consumado, o Sr. ajudante interino, dividirá a gente que houver, mandando postar uma guarda de honra a rua direita da Misericordia, onde tem na porta uma corôa de cascas de *Ciri*, afim de que de certa hora em diante não queiram perturbar o socego d'aquelles que tem de passar horas felizes ao depois o pobre noivo se veja na dura necessidade de ir para a cosinha, ou então ir socar-se na pastelaria, ou na casa do alfaiate. O jantar será no domingo, segundo o aviso do quartel general; já se acha réde ao mar para apa-

nhar as siobas, por tanto, é necessario que se apresentem debaixo do rigoroso uniforme, expedindo-se ordens necessarias para a musica da chapada tocar nas entradas das excellentissimas senhoras *honestas*. Assignado. — J. P. D. F. encarregado do detalhe.

AO PUBLICO.

Luiz da Costa Doria declara ao publico e ás authoridades, que tendo apparecido hontem no periodico *Constituição* o seu nome como impressor responsavel d'esse periodico, protesta contra os effeitos legaes d'essa declaração, feita sem conhecimento algum do annunciante, que por nada é responsavel, visto não haver contractado coisa alguma á este respeito com o Sr. Fortunato Antouio de Freitas, proprietario d'essa gazeta e da officina, em que ella se imprime.

Bahia 20 de agosto de 1866.

LUIZ DA COSTA DORIA.

Adverte-se a certo bobo que anda procurando illudir uma moça com maus fins, que de xe-se de andar dando desfructe pela rua, do contrario o muxingueiro ira tanger á taca esse *andejo* da esquina da casa da viuva cujo marido esta na *gloria*. E levará calabrotadas até José chegar; e depois será remettido ao *Cardoso* da rua de *Cima*.

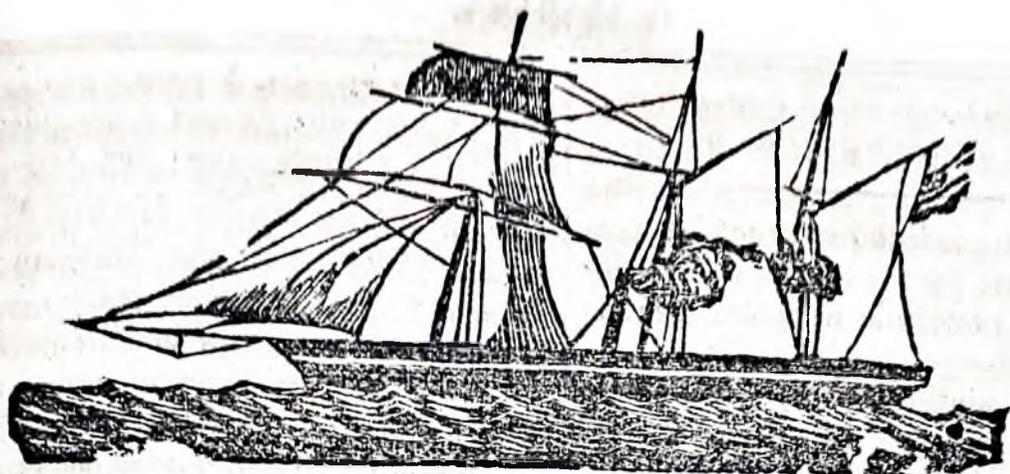
ANNUNCIOS.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typographia que se lhe indicará.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

TYP, DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIUSTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

23 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 10.^a—N.^o 91

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento o seguinte facto que nos communicam:

No domingo 19 do corrente no lugar Aratuba, freguezia de Santo Amaro do Catú, foi barbaramente espancado Candido Mathias de Meirelles; o offendido acha-se na villa de Itaparica em casa do capitão José Narciso de Carvalho e corre perigo de vida, sem que até hoje nenhuma providencia se tenha dado, e nem ao menos se procedeu a corpo de delicto. Este attentado torna-se gravissimo pela circumstancia de dizer-se que fôra uma authoridade policial o aggressor.

Espera-se que S. S., mande syndicar o facto e proceda como requer a justiça.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.^o districto, communicando-lhe que no sobrado n. 2 á rua das Veronicas moram umas *meninas felizes* que com seus actos immoraes offendem o decoro publico, a ponto da visinhança não poder chegar á janella. Pede-se pois a S. S. providencias que façam cessar procedimento tão irregular, o que se es-

pera do zelo e interesse que S. S., mostra em casos taes.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que, na rua da Oração, sobrado de azulejos em que mora o Sr. Tiburcio, ha uma loja que está deshabitada e vive aberta, do que se aproveitam os vadios para fazerem dalli seu valhaouto. Entre a malta figuram alguns tambores da Sé: vão para alli á noite acompanhados de duas negrinhas e lá fazem o que lhe parecem. Espera-se que S. S., empregue os meios a seu alcance para que seja fechada aquella casa, cujas chaves acham-se na venda contigua.

—Será verdade?

—O que?

—Dizem-me que, no arsenal de guerra, está se procedendo a uma severa e rigorosa economia, cortando-se tudo que é superfluo, a ponto dos meninos hoje almoçarem pão secco sem manteiga, para poupar essa despeza.

—E V. acredita isso?

—Estou vendendo pela carregação.

—Isso é impossivel; pois ha quem se lembre de tão porca economia, quando dentro do proprio arsenal ha tanto abuso e p-pineira, que merecem um corte?

—Homem, a corda sempre quebra pelo lado fraco.

E o que está em *baixo* é mais facil de enchergar do que o que está no *alto*.

—Que brinquedinho engraçado!

—Que é?

—Não está ouvindo uma trabuzana dos peccados?

São os soldados do 8.º, de guarda em palacio, que açulam o cachorro de um delles sobre o Mathias, o qual como V. sabe tem uma lingua endiabrada, e está bradando.

—Tambem não sei para que soldado quer cachorro.

—Acha que leve ao conhecimento do commandante?

—Si quizer; diga-lhe que os soldados fizeram o diabo na quarta-feira demanhan com o beberrote Mathias.

—Quem passa demanhan pela rua Direita de Palacio é obrigado a tomar banho sem querer!

—Como?

—Lhe explico. No sobrado n.º 13 defronte da repartição do sello, ha nas janellas immensos caeos de planta. De manhan quando vão regal-as não attendem a quem vae passando por baixo, e despejam extraordinaria quantidade d'agua que vae ensopando os trajes dos caminhanes. A agua é em tal abundancia que uma hora depois ainda escorre das sacadas em cima de quem passa, e o passeio fica alagado!

—Quem mora abi, sabe?

—Dizem que é um judeu.

—Por acaso fará elle isso de judiação?

—Isso é que não sei.

VARIÉDADE.

Obra curiosa.

O boticario Gervasio escrevendo ao musico Justino, ou vice-versa, e satisfazendo um ao outro.

CARTA DO MUSICO AO BOTICARIO.

Ilha das Tizanas 1.º de agosto de 18.

Amigo Basilicão.—Muito inflamado fiquei por ver que Vm. tendo promettido vir hontem formular uma patuscada conosco, extrahiu-se do contracto, e mettido

de infusão em caso, deu-nos a pilula do J. gro, o que entre amigos é um sulfato de potifario; e nunca pensei que Vme. assim borrasso a pharmacopeia da nossa amizade; pois mal sabe o que perdeu, porque vierão as primas do beco das Aguas-Verdes, e com a familia de João Gomes, divertiram se até meia noite bem confortativas, porque o padre Lulú mandou-nos uma formidavel cataplasma de cangica, e um grande almofariz de goiaba, que as meniñas cahiram de espátula dentro, e lamberam tudo n'um instante, e o negocio por fim com a despeza do vinho, etc., foi um caustico que levei na algibeira; mas dou por bem empregado, porque ao menos, me diverti com os refrigerantes da pilheria: espero pois que domingo á noite Vm. não me falte para a segunda dose, e creia que sou, *secundum artem*.

Seu peitoral amigo e servo anti-flogistico.
Justino Californiu.

A PEDIDO

—E' um desaforo revoltante!

Estar aquelle sujeito a espanear cruelmente no quartel da Palma aquelle pobre rapazinho, o povo apinhado na porta do quartel a clamar e não apparece uma providencia!

—O que é aquillo?

—E' o mestre de tambores de Sant'Anna que castiga um aprendiz.

—E' mau, é mau.

—Ha coisas que por mais serias que sejam, me parecem graciosas!

Tal é a noticia que dá o *Diario* de 24 á respeito do recrutado Augusto Ferreira da Costa não poder isemtpar-se do serviço militar por contribuição pecuniaria.

Ouçã:

«A lei de fixação de força naval n. 1250, de 8 de julho de 1863, que está em vigor, não permite aos individuos recrutados para a armada a isempção pelo meio de substituição.

Esta é a razão porque foi indeferido o requerimento de Augusto Ferreira da Costa, recrutado para o serviço da armada na cidade de Nazareth, e que requereu substituição pecuniaria.».....

• No entretanto a lei de fixação de forças de terra estabelece a substituição, não somente a pessoal como a pecuniária; razão porque tem sido admittida a substituição de todos que recrutados para o serviço do exercito a tem requerido.»

Agora veja si isso é ponta ou cabeça:
«Requerimentos despachados — dia 3
— Augusto Ferreira da Costa; offerecendo 600\$ rs. afim de ter sua baixa conforme permite a lei -- Remettido ao **commando das armas** para informar.»

Não me dirá o que tem o commando das armas com a força naval?

E si o recruta estava affecto a este por que indeferiram seu requerimento?

Não lhe parece isso um accintoso capricho?

— Eu sei la; o que acho é que ainda sendo assim, a lei não pode querer distincções odiosas, porque quando se recruta este ou aquelle individuo, não se diz si é para o exercito ou armada; o presidente ou chefe de policia é quem lhe dá o conveniente destino; e nesse caso, é uma arma poderosa para os amigos do governo nas vespervas de eleição!

— O que eu creio é que ahí ha cousa. E depois parece-me que o simples facto de não vir especificada na lei de força naval a permissão de poder o individuo eximir-se por dinheiro, siga-se que essa permissão esteja revogada; é preciso que a lei o declare expressamente.

— Eu como não tenho a lei do orçamento do imperio nada digo a esse respeito.

— Sabe quem é aquella senhorita que frequenta o Recreio da Mocidade?

— Onde é este recreio?

— Lá perto da Igreja das Contas?

— Sen nome?

— Mubelina Pagode; assim é conhecida.

— Não sei; sua morada?

— Dizem que é confronte ao muro das casas do Aqui no Tomaz, em Santa Té té. Ali é que é abusar da bondade dos visinhos, junta-se a uma amiga da porta grande, senhora bastante uzada,

que vive de *facilitar partos*, por já contar os seus 60 janceiros, e toca a folia com rapasinhos caixeiros e a rapaziada do olho-vivo, que vae para la de prevenção para depenar os patos.

— Muxingueiro vê o irmão da Calu, e com elle vae a esta Pagodeira; intimid-a para que deixe semelhante habito e não se afferre tanto ao Bacho; quando não irá para a latrina de bordo. Veja que sabe se pelo que veiu dos setões.

AVISO A COMPANHIA ICS CECIÇÕES.

No dia 21 do corrente, reunido o conselho á rua torta das Misericordias foi posto em discussão o casamento da actriz Palmira, moradora á mesma rua; depois de orarem alguns pretendentes, pondo o Sr. presidente á votação, obteve por unanimidade a preferencia o Sr. ajudante da companhia Joaquim Parteiro, ou Beato, que obteve a palavra e declarou que acceitava o casamento pedindo porém o prazo de trinta dias, que lhe foi concedido.

O Quartel Mestre.

Victoria! Victoria! Gitemos victoria!
Que um dia de gloria nos faz o porvir
Q' a terra de heroes, que a patria dos bravos
So deixa aos escravos—morrer ou fugir.

Victoria! Victoria! Gitemos victoria!
Que a patria na historia mais feitos produz!
Que o vil tirannete tam fero e faustoso
La foge medroso dos filhos da cruz.

Não vistes tyranno, não diz a historia
Que outr'ora sem gloria fugira um vilão!
Que os filhos da cruz, heroes Brasileiros
Fizeram guerreiros fugir teu irmão?

Não vistes de Rosas a grande cohorte
Tremendo ante a morte do medo mais vil
E as armas de pondo, fugir em desordem
Ao grito de ordem do nosso fuzil?

Pois saibam cobardes—e vejam, tyrannos,
Cruéis deshumanos a patria vencer!
E saibam ainda, que os filhos dos bravos
A serem escravos preferem morrer.

Victoria! Victoria! Gitemos victoria!
Que aos bravos de gloria la fagem os vis:
Conheçam tyrannos—conheçam escravos,
Q' a patria dos bravos não curva a cerviz.

Ulyses Burroso.

— O Sr. compra-me um bilheto?
 — De que loteria é?
 — Do Rio. A lista chega no vapor.
 — E não é prohibido vender-se bilhetes de outra provincia sem pagar a multa?
 — Ora tanta gente por ali que vende!
 — Não me consta. Quando não havia multa o *Calombreiro* e outros vendiam, porém agora não.

— Muxingueiro!
 — Prompto!
 — Vac metter a faca n'um desavergonhado immoral que tem o descaro de ir para o largo de Santo Antonio além do Carmo, deitar-se no collo da negrinha Lourença que vende arroz doce na porta da venda do Xico.

Dá-lhe de rijo.

— Cumprirei as ordens de V. Ex.

— O atrevido tem a insolencia de deitar-se todas as tardes no collo da negrinha e mandar que ella lhe dê cafunés!

— V. Ex. sabe o nome do cujo?

— Não me lembra; disseram-me um nome assim se parecendo com Bru no que não prestei muita attenção; mas o primeiro sei que é João.

— Basta isso.

— Aproveita a occasião e adverte ao tal Xico que tenho informação de boas cousinhas passadas na sua taberna; e que breve lá irás com o aspirante.

— Na verdade, é boa e lucrativa a especulação daquelle sujeito!

— Que faz elle?

— Metteu-se a devoto, e anda com um quadro do Senhor Ressuscitado a tirar esmolla, e dahi come, bebe, e sustenta a familia que não é pequena.

— O que me diz?

— Elle acha tão boa a vida, lhe rende tanto, que largou o officio de carapina para andar tirando esmollas.

— E como affiança que elle come dahi?

— Si elle não tem meios, si se occupa nesse mister diariamente com uma familia grande, é claro que o Senhor Ressuscitado apenas serve de pretexto para seu arranjo.

Elle apenas o que faz em proveito

da Imagem é mandar dizer uma missa todos os annos, occasião em que dá um opiparo banquete que dura tres dias!

— Onde mora este esperto?

— Em *Santa Telé*.

— Como se chama?

— É parente de um *Barboza* que tambem é *carapina*.

— Vou chamar a attenção do chefe de policia para esse magano.

MOTTE.

*Hei de rufar uma caixa
 Nos muros de Humaytá.*

GLOZA.

O Brasil não se rebaixa
 De Lopez a vil traição...
 La no centro d'Assumpção
Hei de rufar uma caixa
 Cada soldado uma faixa
 Sobre o peito seu trará
 Que no futuro será
 Eterno padrão de gloria,
 Que escreverá nossa historia
Nos muros de Humaytá.

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.^a casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Nesta typ. vende-se os seguintes livros:

Direito Publico Brasileiro de Pimental Bueno.—7\$000 rs.

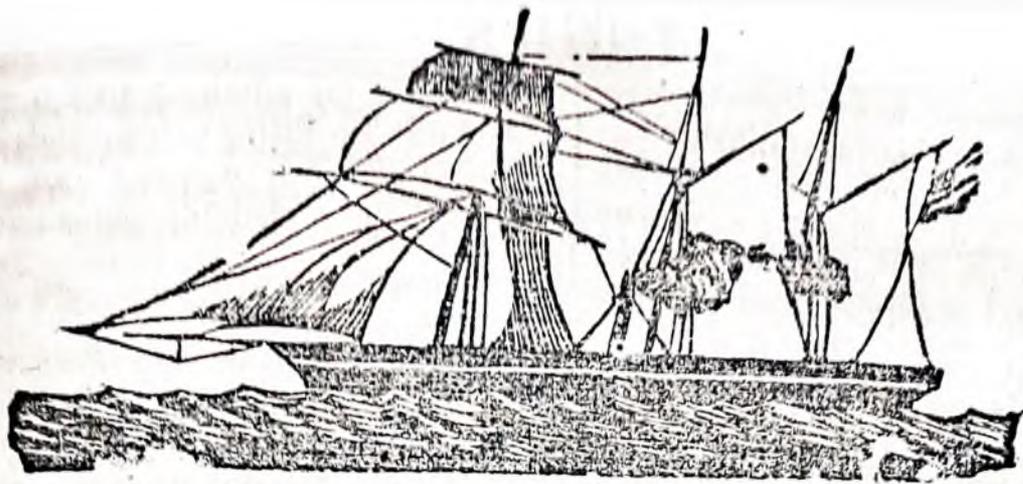
Historia da revolução franceza.—8\$000 rs.

Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totvárud.—5\$000 rs.

Historia da Edade media per Calogeras.—3\$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2\$000.

Os Lusíadas de Camões 3\$000 rs.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

23 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 40.^a—N.º 92

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

AOS SRS. ASSIGNANTSE

Tendo adoecido o cobrador deste jornal, fica interinamente encarregado da cobrança o Sr Romão Pereira da Silva.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o becco do Gaspar, freguezia de S. Pedro, onde moram mulheres deshonestas, que vivem a incommodar o socego publico com continuadas desordens, sendo rara a noite em que não ha alli garrafadas, gritos de aqui-d'elrei etc.. O referido becco é uma calurna que só vae lá quem tem negocio, e parece que desde que existe nunca pisou lá uma patrulha:

Outro sim, mora no mencionado becco uma tal Felismina que porta-se como uma lera para com uma innocente criança, que teve a infelicidade de cahir em seu poder, e á quem espanca desapiudadamente, matando-a além disso á fome, por que sahe de manhan para vender caixinha e quando volta, a comida que lhe dá, é pancada. Pede-se a S. S. que condoa-se dessa infeliz.

—Ao Illm. Sr. inspector do theatro, pedindo providencias contra o procedimento de alguns individuos, que vão para as *varandas* do theatro nas noites de spectaculo, e apenas finda este, apagam os candieiros de gaz, com o fim de occasionar confusão e desordem na sahida, do que se aproveitam os laes sujeitos para apalparem as mulheres que vão ás torrinhas. Espera-se que S. S. á bem da ordem, dará as providencias reclamadas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, communicando-lhe que, segundo nos consta, ha na rua dos Carvões ao dobrar para o becco Sujo, uma improvisada professora chamada Alexandrina do Chareu, a qual, quando deixa a gamella do peixe, ensina a ler a duas infelizes crianças, que tem em sua companhia, as quaes são barbaramente castigadas, tapando-lhes as bocas, na occasião do castigo, afim de que a vizinhança não ouça os gritos. Espera-se pois de S. S., que a ser verdade o que dizem, dê as providencias necessarias contra tão barbaro e deshumano proceder.

—Parte n'um destes dias para o sul do imperio, afim de incorporar-se com seus collegas medicos que daqui partiram, o Sr. Dr. José Antonio da Rocha,

cidadão honesto o amante dedicado de seu paiz; Deus o guio incolupio ao seu destino.

—Capitão, diga-me que alcance tem este facto:

Um marinheiro de nação franceza, porém que andava em navio inglez, foi remettido para o hospital de charidade com a seguinte guia:

«*Consulado de S. M. Britannica.*

«O Sr. administrador do hospital da Misericordia terá a bondade de receber J. Ganandie marinheiro que veio aqui em navio inglez. Bahia 25 de agosto de 1866. J. C. Morgan, C. S. M. B.»

Chegado ao hospital não o quizeram as irmans de charidade receber apesar do seu estado visivel de molestia.

Aconselharam ao homem que recorre-se ao chefe de policia e elle assim o fez. O chefe de policia officiou a directora, superiora ou o quer que seja do hospital, mas esta recebendo o officio, sem ao menos o abrir atirou-o ao chão e disse ao homem que apanhasse e se fosse embora, que agora nem officio do imperador o faria entrar!

—Que diz a isso?

—Que foi uma solemne desconsideração a authoridade do chefe de policia; que ao menos por delicadeza ella devia abrir o officio e ponderar a anthoridade as rasões porque o marinheiro não podia ser recebido.

—E essa acção tão grosseira é praticada por mulheres que se inculcam o typo da candura, o symbolo da virtude e da paciencia!

—E que vieram de proposito de sua terra para nos ensinar a praticar boas obras!

—«Expediente do governo — requerimentos despachados — dia 18 — Anna Rosa do Amor Divino, mãe de um voluntario da patria; pedindo uma quantia das que se acham recolhidas em favor das familias dos voluntarios. — Informe o Sr. Dr. chefe de policia.»

Será crível que uma mãe não saiba o nome de seu filho?

—O que me admira mais é o presidente que em outros casos, manda o pe-titionario provar o que allega, neste mando logo o chefe de policia informar!

—Na verdade é um despacho de arromba.

LA VAE VERSO.

O BEIJO.

Diz um poeta do Porto

Que beijo nunca prouveu;

Si isto assim é, coitadinho!

Doçuras nunca churou.

Inda diz-me que não sabe

Aonde os deve encontrar

Respondo, onde houver beijos

Elle os deve procurar.

Isto é, beijos de carne.

Beijos, que sabem mamar,

Beijos macios, quentinhos,

E não beijos de alguidar.

Apezar d'eu ser mais tolo,

Com tudo estou mais sabido,

Porque nem só tenho dado,

Como tambem recebido.

Aprenda pois meu poeta,

Não traga as bolhas trocadas,

Os beijos de que fallamos

Não confunda com dentadas.

O beijo é dado somente

De leve chupando o ar,

Não leva nada nos dentes;

Não tem nada de agarrar.

Salvo si o beijo é lambido

Sobre a lingua dando estalo,

Isto então em vez de beijo

Tem o nome de regalo.

Porém, nunca empregue destes

Nos bailes, nos baptizados,

Porque são beijos occultos,

São proprios só dos casados.

Os beijos dos militares

São agrados de jagodes.

Atrapalham todo gosto

Arranhando com os bigodes.

Um beijinho em face pallida,

Descorada e sem enfeite,

Quando é dado brandamente

Tem gosto de arroz de leite.

Um beijo em moça formosa

Corada, e de beijo fino,

Faz na guella o mesmo gosto

Q' um calix de murrasquino.
Um beijo n'um pé mimoso
Com sapato de setim,
Além de ser saboroso
Traz ideias de jardim.

Dei beijos em uma moça
Que nunca n'os quiz pagar,
Juda hoje por velhaca
A conta não quer saldar.

Deixe a velhaca mangar
Como hei de cobrar eu sei,
Depois que vencer-se a letra
Cobrarei juros da lei.

Tenho pois já discorrido
Sobre os beijos cambiados
Fallemos agora um pouco
Dos beijos que são furcados.

(*Continúa*)

A PEDIDO

—O' Quíngas, por aqui!

—E' verdade.

—Para que veio da cidade da Judéa?

— Vim... realizar certo negocio
que premedito ha muito tempo.

—Qual é elle?

—Quero ver si me cazo com uma
das filhas do Cabocolo.

—Jesus!.....

—De que se espanta?

—Da desgraça que V. quer cavar a
pobre moça.

—Porque? Por ventura não sou dig-
no della?

—E muito... apenas o que pode
fazer é esbanjar da noite para o dia o
que tocar a moça, como ja fez.....

—Ora qual! Todo tempo não é um.

—E' verdade; mas porque está V. a
arruinar aquella moça que cahiu na
asneira de lhe dar ouvidos? Si ella não
tomar sentido breve está em estado de
deitar a gamella na cabeça.

—Bagatellas!

—Depois V. não vive com ella, como
quer casar?

—Que tem isto? Fico com ambas.

—Immoral!

E aquella crioula que V. frequenta?

—Continuo.

—E não se peja de dizer isso!...

—Pejo! vergonha! São palavras deas
de sentido!

—Para V. que é um perdulario; que
quer se casar com interesse no di-
nheiro.

—E ha quem seja inimigo de seu
interesse? quem faz um negocio é com
a mira no ganho.

—Cynico! não cora ao dizer isto! V.
quer dinheiro para fazer grandes para-
das ao jogo e desperdiçar tudo, como fez
da primeira vez.

—E o Sr. a querer me desmanchar!

—Quem lhe ha de desmanchar é o
juiz de orphãos, que ha de saber do
suas feias baldas e obstar a realisacão
de seus planos ambicjosos.

—Que desfrutavel é aquelle que to-
das as noites passeia pela rua direita
do orago da freguezia do bofe?

—E' um sujeito que namora a uma
moça da caza de certo capitão artilhei-
ro, empregado n'uma repartição pu-
blica.

—E o que faz elle que não vê essas
couzas?

—Ora que faz? —dorme a somno sol-
to, no entanto que a tal mocinha vive
com honras de curuja até que horas da
noite á janella a espera do tal morcego
e as familias são obrigadas a retirar-se
cedo da janella para não presenciarem
o escandalo.

—Pois se ella não se emendar, pro-
metto-lhe que hei de dizer-lhe o nome
e o que mais sei a respeito do cujo.

—*Au revoir.*

—Capitão...

—Que temos?

—Muita cousa.

—Diga-se.

—V. Ex. que sabe tudo, não me fará
o favor de dizer si um depositario de
bens penhorados por acção judiciaria,
é a policia a competente para executar
o mandado de prisão?

—Qual, senhor, sempre anda V.
com historia.

—Historia não....

—Historia sim: pois a policia havia
so entrometter em negocio que não é
de sua competencia; ainda mais uma
vez repito — historia... historia...

— Capitão, o negocio é serio, é negocio de um seu conhecido, não ponha duvida no que lhe digo; um moço foi preso por ser depositario de uns bens, e por um soldado de policia, sem que este trouxesse ordem alguma. . .

— E quem mandou elle entregar-se?

— Moço de educação, quiz prevenir um conflicto, e, portanto preferiu entregar-se liado como estava em um despacho do honrado Sr. juiz municipal da 3.^a vara, que revogara o mandado de prisão.

— Ainda mais esta; o moço tinha ordem revocatoria do juiz e foi preso?!

— Bonitas cousas, bonita epocha; viva o progresso. E foi sempre preso? . . .

— Não; o honrado juiz sustentou seu acto, nullificando a prisão e dando liberdade ao paciente.

— Honra ao juiz.

— Meu amigo, está n'um soberbo e vistoso cavallo!

— Custou-me 80\$ rs.

— E' de graça! Onde achou esta pechincha?

— Este cavallo pertenceu a *companhia dos Cavalleiros*.

— Eu estive no ultimo leilão da companhia e não vi lá este animal.

— Comprei-o particularmente em mão de um dos membros da companhia.

— Como! explique-me isso.

— Quando a companhia tem de expor em arrematação, v. g., cavallos, elles escolhem os melhores, e os classificam como peiores, e deitam-nos de parte. No dia da arrematação a relação consta por ex., de 20 cavallos, mas só apparecem 16; 4 elles vendem particularmente e dão-lhe um preço excessivamente baixo; sendo tudo que apuram para si.

— Não acredito; pois si vae para alli uma pessoa fiscalisar a vendagem como se pode fazer isso?

— Ora meu charo, o Sr. não sabe o que são condescendencias nesta Latro-nopolis.

— O que lhe garanto é que comprei-o da maneira por que lhe disse. E não sou

eu só, si quer lho apontarei mais alguém que os tem comprado.

— Bom; quem mais vive mais vê.

Pergunta-se ao Sr. brigadeiro dos canhões virados quando de novo pretende regressar, ao campo da honra, donde voltou tão bem aquinhoado?

O reclamo da patria.

A' COMPANHIA DOS CHORÕES.

Cheios de todo jubilo, e possuidos de summo prazer, a commissão abaixo assignada tem a distincta honra de felicitar as praças da companhia por occasião de terem pedido em casamento as duas visinhas, moradoras á rua *torta* da Misericordia, assim pois queiram acceitar os nossos protestos de estima e consideração.

(Assignados)

Damazio de Souza
Americano Guimarães.
Luiz Gomes.

LA' VAI VERSO.

Canta o Sapo
No pé do coqueiro
Quem vae casar
Joaquim Parteiro.

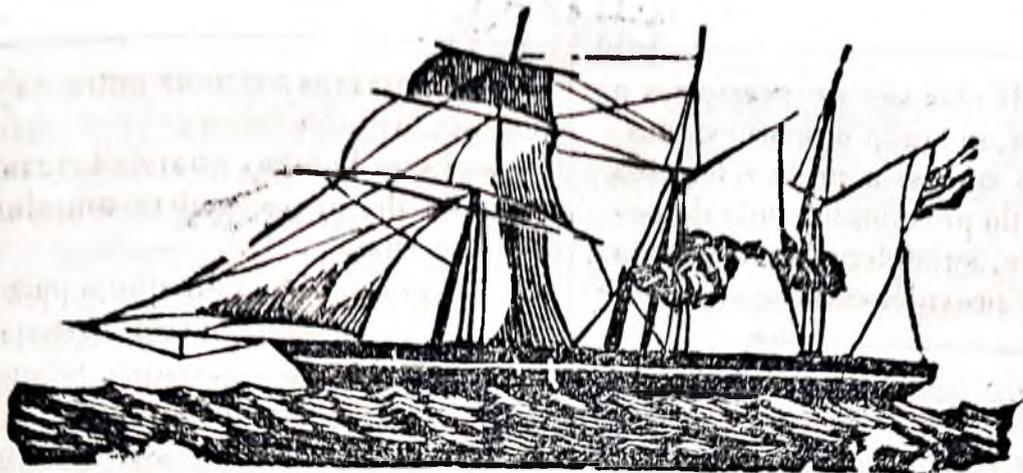
ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.^a casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typographia que se lhe indicará.

YYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

30 DE AGOSTO DE 1866.

SERIE 10.^a—N.^o 93

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de agosto de 1866.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe por charidade que mande concertar a rua do Carro, a qual, pelo mau estado em que se acha, está completamente intransitavel.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que reapareceu a Santinha, e parece que trouxe mais afiada a desavergonhada lingua. As familias continuam a ser insultadas com torpes e obscenas palavras que sahem daquella porca bocca. A moralidade publica, por tanto, exige de S. S. um termo a isso.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, scientificando-lhe que na Lapa, loja do sobrado em que mora o Sr. G. Sanches, ha uma preta que se inculca de dar ventura e curandeira de feitiço, meios que usa para extorquir dinheiro dos credulos que lá vão. Pede-se a S. S., que faça acabar com isso.

—A charidade em nossa terra é hyperbolica. Ha muita basofia e poucas obras.

—Tambem não é assim.

—Quando é para negocio de dar na

vista todos concorrem, porque cada um quer se mostrar e passar por philantropico e humanitario; mas para um negocio que não resôe, e d'ahi não prove nha elogios em gazetas, todos recuam e choram mais do que um necessitado.

—Com honrosas excepções ha pois muita gente amiga de fazer boas obras sem alarde.

—Lá está no Rio Vermelho nma mulher morta desde domingo e até hoje terça-feira, não appareceu quem se prestasse a leval-a ao cemiterio.

—Si derem parte á authoridade, ella ha de fazer sua obrigação.

—Fará ou não: as authoridades em nossa terra tem muito em que cuidar, para andarem se envolvendo em bagatellas.

—Hontem, 28, um soldado de cavallaria ia a toda brida pela rua da Misericordia, sem attender que n'aquelle desesperado galope podia pizar alguma pessoa, das muitas que continuamente transitam por essa rua.

Dito e feito. Uma pobre preta foi a victima. Ficou esmagada em baixo das patas do cavallo, com duas contusões e uma perna fracturada.

—Ha muito que se clama contra o desatino de se andar a galope n'una cidade como esta; porem não ha quem se importe com isso.

—E os soldados são os primeiros a dar o exemplo, andando desombestados.

—Eu creio que, si a prota offendida fosse da casa do presidente, chefe de policia, delegado, subdelegado etc., havia de apparecer providencias.

—Vejam no que vae o dinheiro do Brasil!

Lê-se no *Echo Gabrielense*:

«Mosquito é nome de um pequenino vapor, que em uma carreta, acompanha o exercito ao mando do Sr. barão de Porto Alegre.

Informações que reputamos fidedignas asseguram que esse vapor, de propriedade particular, está alugado ao governo por 2 contos de réis mensaes!

Esse vapor que talvez não custasse mais de 1 conto de réis a seus proprietarios, percebe de aluguel por mez mais do que custou!

Que excellente negocio!

Que escandalo!

E a epoca é de economia!»

—Quer ouvir em que gastam o tempo os nossos estadistas, e como chupam os cobres da nação?

—Diga lá.

—E do *Jornal do Commercio* de 22.

«Camara dos Srs. deputados — sessão em 17 de agosto.

«O Sr. *Silveira Lobo*:—E eu não faço caso do seu menos preço; antes tenho honra nisso.

(*Trocam-se apartes entre os Srs. Silveira Lobo e C. Ottoni* entre os quaes ouvimos os seguintes:

O Sr. *Silveira Lobo*:—A questão é toda pela perda da mamata.

O Sr. *C. Ottoni*:—Mamata era a meiação Bonfim.

O Sr. *Silveira Lobo*:—Esso é uma calunnia que desprezo e sem calunnia nada pode dizer contra mim, grãis a Deus.

(O Sr. presidente reclama attenção.)

O Sr. *C. Ottoni*:—Quem está pedindo attenção demonstrou em juizo e pela imprensa que não era calunnia.

O Sr. *Silveira Lobo*:—Só V. Ex. é capaz de inventar tal calunnia; é propria de V. Ex.»

Na sessão de 6 houve outro trocadi-

lho de palavras urbanas entre os dois deputados.

—Esses homens quando brigam tratam de deitar os podres um dos outros na rua.

—Em quanto se diz que o paiz lueta a braços com uma crise assustadora, que é preciso para salvá-lo impor a nação pesados impostos, em quanto se diz ao povo brasileiro que é preciso ir derramar seu sangue nas fronteiras do Paraguay para salvar a honra nacional, em quanto em nome da dignidade do paiz ultrajada se commettem excessos com o recrutamento, nossos representantes occupam-se de questões individuaes e atiram-se mutuas recriminações!

—E a patria está salva, a crise resolvida e a guerra debellada!

—Continuam as arbitrariedades na guarda nacional.

Outro dia foi João de Souza Rebello, preso no Commercio, dizem, pelo Sr. tenente Falcão do batalhão da Sé, e mandado metter no calabouço, não se sabe a ordem de quem, que lá permaneceu perto de um mez; e mais tempo ficaria, si uma humilde voz não se levantasse em seu favor. Agora é João Paulo, pobre idiota, homem reconhecido mente capto, e que anda pela freguezia de Paripe e immediações, que vem agarrado e encafurnado na Palma por 15 dias!

—Este foi solto hontem; sei d'isto.

—Mas porque logo que o homem não serve para o que querem, ha de ficar opprimido n'uma immunda prisão por 15 dias, e um mez; por que não o soltam?

Pois ha de uma pessoa innocente ficar presa por esse longo tempo, e sem ao menos se lhe dizer a razão por que está retida com detrimento de seus interesses e incommodo de sua familia?

—Ha, si me não engano, uma postura que prohibe as vendedeiras de caixinha o baterem com as varas pela rua.

—Creio que sim.

— Parece que o fim dessa medida é evitar que, quando se reúnem tres o mais caixinheiras, não atordoem os ouvidos dos transeuntes com o incommodativo som que tiram de suas varas.

— Sim, Sr.

— E porque não se applica essa medida aos carcamanos vendedores de taxos, que andam todo o dia a fazer uma zoadá dos diabos, fazendo doer a cabeça á quem está são?

— Lá isso é que não lhe posso responder.

VARIEDADE.

Obra curiosa.

O boticario Gervasio escrevendo ao musico Justino, ou vice-versa, e satisfazendo um ao outro.

RESPOSTA DO BOTICARIO AO MUSICO.

Amigo e Sr. Justino das Variações.— Acabo de receber a sua afinada carta, e depois de ler a ouvertura de suas expressões vejo o que me diz a respeito da cavatina com que se divertiu; mas não me foi possível entrar na harmoniosa orchestra do do seu divertimento, porque hontem amaliei muito desafinado da saúde, com o corpo doendo-me, e o tempo todo empenado: toda a noite passei sem dormir sentindo fusas pela cabeça, doendo-me as cavéllhas dos pés, e a boca me sabendo a papel pautado; e por fim, para maior desgraça, appareceu-me uma diarria descompassada em adagio que me é preciso estar a cada instante sentado no instrumento; ora, vendo-me eu n'este corêto de molestias, sem poder sustentar o compasso das pernas, mandei chamar o meu amigo Dr Violoncellos, o qual não estava em casa, e veio-me então o cirurgião-mór Fagote, que é bastante perito no contra-ponto da saúde: elle examinou-me o corpo todo, e disse logo que a minha molestia era um tanto perigoza por ser de clave do fá, e apresentar no pulso trez sustinidos e pausas intermitentes, e que por tanto, desde já me pozesse em rigorosa diéta meio ponto abaixo; que não comesse nada de comidas temperadas com G-r-zões S-mis, etc. etc, apenas de noite celasse dous B fa-cis com chá: e estou bem agustado, porque não sei se poderei me aguentar n'esta quadrilha de doença; e paro aqui, porque cada vez estou mais affli-

cto, e até me appareceu agora uma dissonancia no teclado da barriga, e por isso Vm. me desculpe de não ser mais extenso.

Desejo que continue a gozar melodiosa saúde em companhia de todo o compromisso de sua familia, e creia que sou no soffço da amizade.

Seu amigo sonoro e servo retumbante,
Gervasio Roberão.
(Extr.)

A PEDIDO



(Continuação do Sr. Gatuno.)

— A sucia infame de vampiros do pudor virginal, de que acabo de fallar a V. Ex., e da qual o Sr. Gatuno é proeminente membro, anda a semelhança do corvo que fareja carniça, a esmerilhar onde ha familias desvalidas e em circumstancias precarias, onde ella possa dar pasto a sua desordenada concupiscencia.

O sujeito que descobre onde ha algumas dessas infelizes familias, procura occultar com o maior sigillio dos seus collegas a sua nova descoberta, com receio que elles não o vão tirar a pressa das unhas.

Com rasgos de generosidade, o com

mentirosa compaixão, entram com pés de lan para a casa da incoente familia, para mais tarde dilacerar-lhe o socego e abysmal-a no sorvedouro da ignomínia; e quando se retiram deixam após si inevitavel e eterna vergonha.

O Sr. Gatuno teve noticia da infeliz familia, por intermedio de uma das taes mulheres da rua dos *Castanheiros*, quando esta procurava costuras para as tres moças com o seu producto si manterem e a sua mãe.

O Sr. Gatuno com satanica curiosidade indagou da morada, perguntou se as meninas eram bonitinhas, si eram muito pobres, si lá já tinha ido algum homem; e sciente de tudo, disse que no outro dia lá iria *levar uma esmolla*.

A esmolla que o Sr. Gatuno ia levar era a prostituição e a infamia!

O Sr. Gatuno com a maldade no coração, e o riso nos labios, apresentou-se á pobre familia, a qual, si não era feliz, ao menos vivia pacifica e consolada no meio de sua desventura.

Fingiu grande interesse pela sorte das infelizes moças, mostrou-se condoído das privações por que passavam, lamentou as vicissitudes deste mundo, onde só é galardoado o vicio e o crime, e disse que a virtude só encontrava penhascos e escabrosidades.

Quando retirou-se, prometteu a pobre mãe fazer lhe todo bem que pudesse, e que no outro dia voltaria.

—E a incauta senhora nem pela mente lhe passou os sinistros planos que formigavam na diabolica imaginação da vibora!

(*Continúa*)

—Em que estado vae o batalhão Pedro 2.º?

—Pelo que diz o *Diario* tem mais de 100 praças.

—Ainda não tive o prazer de ver um soldado voluntario na rua.

—Talvez por que não estejam ainda sardados.

—Dizem que é o contrario; que os homens vão *voluntarios*, porém com modo de que não arrependam, não os consentem sahir; outros dizem que são voluntarios forçados.

—Está o que não duvido, porque tenho-os visto saltar do vapor escottados e até encangados.

—Capitão, o mundo marcha á mil maravilhas!

—Que ha de novo?

—Não viu um escripto no *Diario* de 28 do corrente do cidadão Olympio Candido de Aguiar *deffensor dos crioulos livres do paiz*? Ora da-se que mania de moço!—ou quer dar desfructo, ou quer ser cousa nesta pobre terra em que todos são conhecidos.

—Não é isso. V. bem sabe que as eleições estão proximas, e o homem quer ser deputado, e então quer pertencer a deputação das crioulas.

—Quem lhe disse que eram crioulas? são crioulos, capitão.

—E' a mesma cousa, o homem ja pensou que por meio dellas é que se logra alguma cousa, e então quer tambem ter uma pasta para fazer fortuna, mas elle que se aguente porque lhe podem dar com a pasta n'outro lugar.

—Deus o guie na sua estreia, só tenho medo d'elle ser tão magro, e não poder aguentar tanta carga.

ANNUNCIOS.

Os devedores da loja de cera á rua da Misericordia n.º 10 B. são convidados a virem no prazo de 8 dias, contados da publicação deste, a satisfazer seus debitos, sob pena de verem seus nomes neste jornal.

Bahia 30 de agosto de 1866.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Misericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.